
A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos

ANA MARGARIDA ARRUDA¹
PATRÍCIA BARGÃO²
ELISA DE SOUSA³

R E S U M O

As escavações arqueológicas efectuadas na área do Museu Arqueológico de Faro, durante os anos de 2001 e 2002, revelaram alguns níveis conservados da designada “II Idade do Ferro”, nos quais foram exumados mais de uma centena de fragmentos de bordo de ânforas pré-romanas, associados a cerâmicas de “tipo Kuass” e a cerâmica pintada em bandas. Entre as formas de ânforas identificadas, destaca-se a presença de ânforas do tipo Tiñosa (8.1.1.2. de Ramon Torres), Mañá-Pascual A4 (grupos 11 e 12 de Ramon Torres), formas D de Pellicer e de tipo B/C. A associação estratigráfica de alguns destes exemplares, nomeadamente à cerâmica de “tipo Kuass” (genericamente representada pelas formas II e IX de Niveau), possibilitou uma proposta cronológica mais específica para alguns destes contextos. O estudo do conjunto anfórico e a sua associação a outras cerâmicas da “II Idade do Ferro” permitiram caracterizar ritmos e cronologias de importação e a evolução da ocupação do sítio até à época romana-republicana.

A B S T R A C T

The archaeological diggings that occurred in Faro Archaeological Museum, in the years of 2001 and 2002, revealed some preserved contexts of the so called II Iron Age. More than 100 shreds on Iron Age amphora and Kouass pottery were found in these levels. We were able to identify four different types of amphora, Type 8.1.1.2. of Ramon Torres, type Mañá-Pascual A4, type D and B/C of Pellicer. The association of some of these amphorae, with the Kouass pottery (types II and IX of Niveau) allowed us to establish a close chronology for some of the contexts. The amphora study that we now present, allowed us to identify rhythms and chronologies, that characterize the development of the site’s human occupation, during the Iron Age.

1. Introdução

As escavações arqueológicas realizadas pelos arqueólogos do Museu Lapidar Infante D. Henrique, Drs. Dália Paulo e Nuno Beja, em área anexa às actuais instalações do Museu, permitiram obter uma sequência estratigráfica onde está plasmada grande parte da ocupação da antiga *Ossonoba*. Refira-se ainda que a área escavada tem uma razoável extensão (64 m²) e que a divulgação

dos resultados que tem vindo a ser efectuada (Viegas, 2003, no prelo b; Paulo e Beja, no prelo), que este trabalho também reflecte, constitui, por agora, a única documentação disponível para estudar as ocupações sidéricas da actual cidade de Faro⁴.

De acordo com o relatório dos trabalhos de campo, atingiu-se o substrato rochoso e verificou-se a existência de níveis da Idade do Ferro, bem conservados, e que podem datar-se, genericamente, entre o início do século IV a.C. e a época romano-republicana. Os materiais aí exumados permitiram reunir um acervo informativo e discutir ritmos e cronologias de ocupação, no sul do actual território português, durante a segunda metade do primeiro milénio a.C.

O conjunto dos materiais sidéricos é abundante, destacando-se as ânforas, a cerâmica comum, a cerâmica pintada em bandas, a cerâmica de “tipo Kuass” e alguns fragmentos de cerâmica grega, estes últimos em vias de publicação (Barros, no prelo).

Neste trabalho, apresentam-se as ânforas, que totalizam 119 fragmentos de bordo, devidamente contextualizadas em função de outros materiais, nomeadamente as cerâmicas de “tipo Kuass”, cujo estudo detalhado será, contudo, alvo de trabalho específico, noutra local, por uma de nós (E. S.).



Fig. 1 Localização de Faro no actual território português.

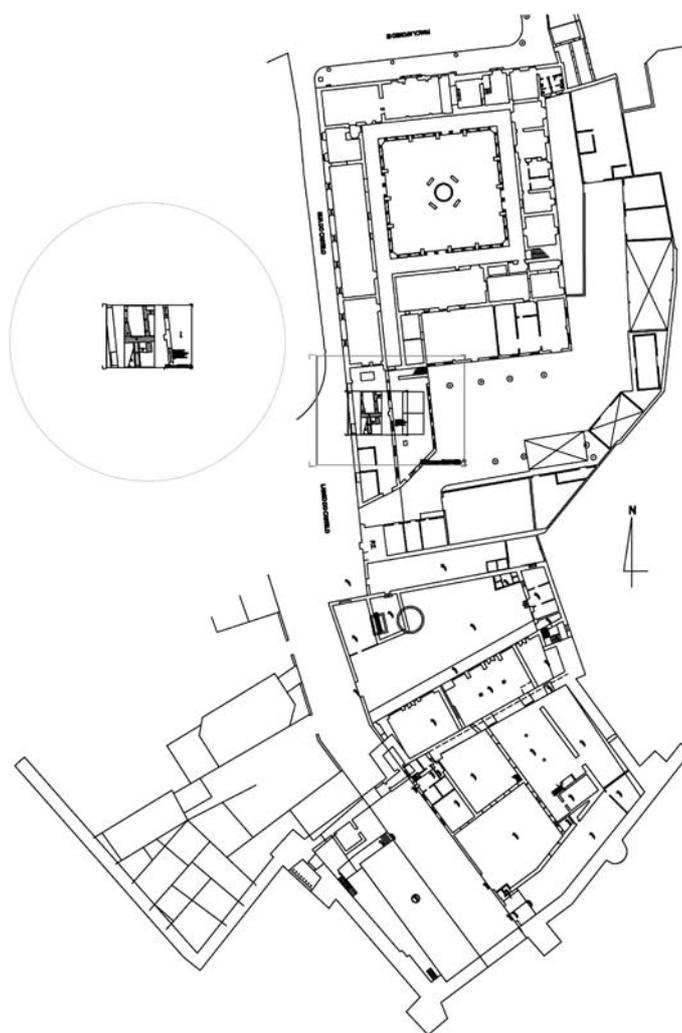


Fig. 2 Localização das sondagens na área do Museu de Faro.



Fig. 3 Planta geral da sondagem 1, após a fim dos trabalhos arqueológicos.

2. As ânforas

2.1. Grupos de fabrico

2.1.1. Introdução

A análise macroscópica das pastas foi efectuada com uma lupa de 15 aumentos e incidiu sobre o total da amostra. A descrição dos grupos de fabrico foi realizada com base num conjunto de critérios, como dureza, textura, cozedura e elementos não plásticos (e.n.p.).

Deste modo, a análise macroscópica dos elementos petrográficos foi efectuada tendo em consideração as características da pasta/engobe de cada exemplar, tendo-se criado grupos e sub-grupos sempre que existissem elementos diferenciadores que o permitissem. Na caracterização das pastas, seguimos genericamente os descritores propostos por Stienstra (1986).

As cores foram descritas segundo o código de Munsell (1994), sendo referidas as variações cromáticas, sempre que nos reportamos a descrições de pastas e engobes.

Nos 119 fragmentos classificáveis, foram identificados, macroscopicamente, seis grupos diferenciados e um fabrico raro. Nos Grupos I, II e IV apresentamos uma subdivisão designada por A e B, que se reporta a diferentes fabricos provenientes duma mesma região.

2.1.2. Grupo I

Fabrico A

Pasta compacta, estratificada, de textura fina, com cozedura média (modo A). Trata-se de pastas sonoras de fractura regular. Os e.n.p. são frequentes (cerca de 10%).

Destaca-se a presença de calcites muito abundantes, de pequena, média e grande dimensão, ocasionais partículas de quartzo, frequentes micas brancas e raros minerais negros, opacos e de pequena dimensão.

As pastas possuem uma cor uniforme alaranjada, que oscila entre o laranja-avermelhado (5 YR 6/8) e o laranja-acastanhado (2.5 YR 5/8) consoante os exemplares.

Um dos fragmentos que incluímos neste grupo parece conter vestígios de um engobe branco-amarelado na superfície externa (10 YR 9/2).

Neste fabrico integram-se sete fragmentos de ânforas, que representam 6% do total da amostra.

Fabrico B

Pasta compacta, estratificada, de textura fina, com cozedura média (modo A). Trata-se de pastas sonoras de fractura regular. Os e.n.p. são pouco frequentes (cerca de 5%).

Destaca-se a presença de calcites muito frequentes, de pequena e média dimensão, ocasionais partículas de quartzo e de feldspato e raros minerais negros, opacos e de pequena dimensão.

As pastas possuem uma coloração alaranjada (entre o laranja-acastanhado 7.5 YR 6/4 e o laranja-avermelhado 5 YR 5/6) intercalada com veios calcários bege/amarelados (10 YR 8/2). Nos exemplares deste fabrico não se identificou qualquer vestígio de engobe ou aguada.

Neste fabrico integram-se 13 fragmentos de ânfora, que representam 11% do total da amostra.

2.1.3. Grupo II

Fabrico A

Pasta pouco dura, de textura fina e porosa, com cozedura branda (modo A). Trata-se de pastas não sonoras, com superfícies lisas e polvorosas, apresentando uma fractura regular. Os e.n.p. são frequentes (cerca de 10%) e de pequena dimensão. A análise macroscópica permitiu identificar a presença de abundantes micas brancas e prateadas, alguns quartzos e escassos minerais negros.

A tonalidade das pastas é relativamente homogénea, variando entre o bege-acastanhado (10 YR 7/4) e o bege-rosado (7.5 YR 8/4).

De modo geral, este fabrico não ostenta vestígios de aplicação de aguada ou engobe, exceptuando num único exemplar, que neste caso apresenta uma tonalidade rosa-acastanhada (2.5 YR 6/4).

Neste grupo integram-se 46 fragmentos de ânfora, que representam cerca 38% do total da amostra.

Fabrico B

Pasta pouco compacta, arenosa, com cozedura branda (modo A). Trata-se de pastas não sonoras, de fractura irregular. Os e.n.p. são muito abundantes (cerca de 20%), destacando-se a presença de grão de areia, quartzo, mica branca e prateada e elementos ferruginosos. A cor da pasta varia entre o castanho-amarelado (10 YR 6/6) e o vermelho-amarelado (7.5 YR 6/6). Não se detectou a presença de qualquer vestígio de engobe.

Neste grupo integram-se 14 fragmentos de ânfora, que representam cerca de 12% do total da amostra.

2.1.4. Grupo III

Pasta dura, de textura compacta, com cozedura forte (modo A). Trata-se de pastas sonoras, com superfícies lisas e polvorosas, apresentando uma fractura regular. Os e.n.p. são frequentes (entre 5 a 10%) e de pequena dimensão. A análise macroscópica permitiu identificar a presença de calcites, moscovites, quartzos, feldspatos, e, raramente, alguns nódulos ferruginosos.

As pastas deste fabrico são bicolores, variando o cerne entre o cinzento claro (2.5 Y 7/2), o cinzento (10 YR 5/1) e o acastanhado (entre 5 YR 5/6 e 7.5 YR 6/6). Ocasionalmente, pode apresentar uma aguada clara de cor bege-rosado (5YR 7/4).

Neste grupo integram-se nove fragmentos de ânfora, que representam cerca de 8% do total da amostra.

2.1.5. Grupo IV

Fabrico A

Pasta dura, de textura compacta, com cozedura forte (modo A). Trata-se de pastas sonoras, apresentando uma fractura regular. Os e.n.p. são frequentes (entre 5 a 10%) e de pequena dimensão. A análise macroscópica permitiu identificar a presença de calcites, moscovites, quartzos, feldspatos, e, raramente, alguns nódulos ferruginosos.

A pasta é bicolor, sendo o cerne cinzento-escuro (2.5 Y 4/1) e a superfície laranja-acastanhada (7.5 YR 6/6). A maioria dos exemplares é revestida por uma aguada clara de cor bege (7.5 YR 7/6). Neste fabrico integram-se 18 fragmentos de ânfora, que representam cerca de 14% do total da amostra.

Fabrico B

Pasta dura, de textura rugosa, com cozedura forte (modo A). Trata-se de pastas mal depuradas, apresentando uma fractura regular. Os e.n.p. são pouco frequentes (cerca de 10%) e de pequena dimensão. A análise macroscópica permitiu identificar a presença de feldspatos, moscovites, quartzos e mica branca, bem com alguns minerais negros e nódulos ferruginosos.

A tonalidade das pastas oscila entre o bege acastanhado e o castanho (7.5 YR 6/6) podendo, por vezes, apresentar um núcleo cinzento (2.5 Y 6/2). A superfície exterior está alisada com um engobe pouco espesso de tonalidade bege (7.5 YR 6/4).

Neste fabrico integram-se sete fragmentos de ânfora, que representam cerca de 6% do total da amostra.

2.1.6. Grupo V

Pasta dura, compacta, textura fina, com cozedura forte (modo A). Trata-se de pastas sonoras, de fractura irregular. Os e.n.p. são ocasionais e de pequena dimensão, destacando-se a presença de quartzo, mica branca e feldspatos. As pastas são homogéneas de cor cinzenta, com o núcleo cinzento (7.5 YR 5/1) e superfícies cinzentas esbranquiçadas (10 YR 2/1). Não se detectou a presença de qualquer vestígio de engobe.

Neste fabrico integram-se dois fragmentos de ânfora, que representam cerca de 2% do total da amostra.

2.1.7. Grupo VI

Pasta de textura fina, compacta, com cozedura média (modo A). Os e.n.p. são pouco abundantes. A observação macroscópica permitiu identificar a presença de raros grãos de areia sub-rolados de pequena, média e grande dimensão e frequentes feldspatos. A pasta é amarela-acastanhada (10 YR 5/4). A tonalidade das superfícies varia entre o castanho (10 YR 7/4) e o vermelho-amarelado (5 YR 6/6).

Neste fabrico integram-se dois fragmentos de ânfora, que representam cerca de 2% do total da amostra.

2.1.8. Fabrico Raro 1

Na amostra analisada, existe um fragmento cujas características não permitiram o seu enquadramento em nenhum dos fabricos estabelecidos. Por este motivo, procedemos à sua descrição de forma individualizada.

Pasta dura, textura rugosa, medianamente compacta, cozida em modo A. O fragmento apresenta as superfícies alisadas e fractura regular.

Os e.n.p. são muito abundantes (entre 20 e 25%), de pequena e média dimensão. Detectou-se a presença de quartzo rolado de média dimensão, calcites de pequena dimensão, raros feldspatos e ocasionais partículas ferruginosas de média dimensão. A pasta é bicolor, possuindo um cerne cinzento-esverdeado (10 YR 6/2), tornando-se alaranjado à medida que se aproxima das superfícies (5 YR 5/6). Representa 1% do total da amostra.

2.1.9. Os centros produtores

A análise macroscópica permitiu identificar a existência de ânforas provenientes de diferentes locais, como a Baía de Cádiz ou a área da *Campiña Gaditana*. Em alguns dos fabricos identificados, verificámos a existência de uma clara associação entre a forma e o fabrico.

O grupo I integra exclusivamente ânforas da forma B/C de Pellicer, nas suas variantes mais tardias BC 3 e BC evolucionadas (Pellicer, 1978, 1982, p. 86-87). Trata-se de pastas laranjas com abundantes calcites e minerais negros, cujas características são aparentadas com as que se verificam nas produções anfóricas do sotavento algarvio de Época Imperial, como é o caso da Manta Rota (Viegas, no prelo a). Temos consciência de que a inexistência de dados consistentes que fundamentem

a hipótese de uma produção de ânforas no território algarvio em momentos tão recuados obriga a alguma prudência. Apesar de essa produção estar bem documentada na área gaditana, desde o século VI a.C., a quase total ausência de vestígios que indiquem o seu fabrico no território português é notória. Actualmente, o único indício de existência de uma produção anfórica algarvia durante a Idade do Ferro cinge-se aos escassos fragmentos deformados da forma D exumados no Castelo de Castro Marim (Arruda, 1997, 1999/2000; Arruda et al., no prelo a), o que é, em nossa opinião, claramente insuficiente para afirmar, com segurança, a existência de uma produção local. Por outro lado, os dados recentemente apresentados sobre um hipotético forno de ânforas em Tavira (Maia, 2004) não são, em nossa opinião, completamente convincentes. Por outro lado, a singularidade destes fabricos, que estão associados a um único tipo de ânfora e a um contexto estratigráfico seguro (U.E. [113]), evidenciam uma área de produção, cuja localização não é fácil de determinar sem as necessárias análises químicas. Contudo, as semelhanças que puderam observar-se ao nível das pastas com as ânforas, ainda que imperiais, de centros produtores algarvios permitem admitir a possibilidade de uma produção local para este nosso grupo I. No entanto, uma hipótese norte-africana, concretamente da área de Cartago/Tunes, não é de excluir liminarmente, uma vez que a estratificação que se observa nas pastas deste grupo é uma característica habitualmente associada a produções oleiras daquela região (Ramon Torres, 1995, p. 258). Não podemos, contudo, ignorar que a produção desta forma não parece estar documentada naquela área. A escassez de dados sobre contextos datados do século III a.C. no Extremo Ocidente peninsular dificulta o estabelecimento de paralelos desta forma e deste fabrico com qualquer outro local do actual território português.

O que designámos por grupo II diz respeito às produções da área do estreito de Gibraltar. As características petrográficas dos exemplares permitiram o estabelecimento de dois subgrupos, A e B respectivamente. O fabrico A pode ser enquadrado no âmbito das produções da Baía de Cádiz e o B reporta-se a uma produção indeterminada da vasta área do Sul da Andaluzia Ocidental. Fundamentalmente, o que os distingue é a quantidade e o tamanho de e.n.p., estando presentes minerais em maior quantidade e de maiores dimensões no último. No Grupo II estão presentes as formas B/C e D de Pellicer, bem como a totalidade dos exemplares por nós integrados na forma Mañá-Pascual A4.

Os fragmentos integráveis no grupo III correspondem maioritariamente a ânforas do tipo B/C, à excepção de dois fragmentos da forma D de Pellicer, que também nele se integraram. É neste grupo que encontramos a totalidade dos contentores anfóricos mais arcaicos integráveis na variante B/C 1, de bordo de secção trapezoidal. Este fabrico encontra-se igualmente atestado nos exemplares desta forma recolhidos no Castelo de Castro Marim, em contextos datáveis do século V e IV a.C.

O Grupo IV corresponde integralmente a ânforas do T.8.1.1.2. de Ramon Torres (1995) — La Tiñosa — produzidas exclusivamente na área da *Campiña Gaditana*. Este grupo de Faro é facilmente associável aos dois grupos identificados por P. Carretero (2004, p. 90-91), correspondendo o nosso fabrico IV A, com pastas de argilas verdes, ao descrito pelo colega espanhol na alínea a) e o fabrico IV B, com pastas de argilas castanho-avermelhadas, (equivalente ao descrito na alínea b) (Carretero, 2004, p. 90-91). Ambos os fabricos estão presentes nos exemplares do T.8.1.1.2. exumados no Castelo de Castro Marim (Arruda et al., no prelo a), o que atesta o consumo de azeite da *Campiña Gaditana* no Algarve Litoral, a partir do século IV a.C.

O grupo V é constituído apenas por dois exemplares da forma B/C e D. Trata-se de pastas cinzentas e duras, cujo local de produção não podemos precisar.

O grupo VI é constituído por dois fragmentos de ânfora da forma B/C de pastas compactas de cor bege/acastanhado.

Os fabricos III, V, VI e Fabrico Raro 1, foram integrados no grupo “Extremo Ocidente Indeterminado” de Ramon Torres (1995, p. 257).

Assim, identificaram-se diferentes proveniências para as ânforas exumadas nas escavações do Museu de Faro, estando melhor documentadas as importações da actual Andaluzia, através das produções da *Campiña* e da Baía Gaditana. A evidente relação de proximidade surge como o principal factor para justificar estas importações, que estão também bem documentadas em território algarvio, nos sítios de Castro Marim e Tavira.

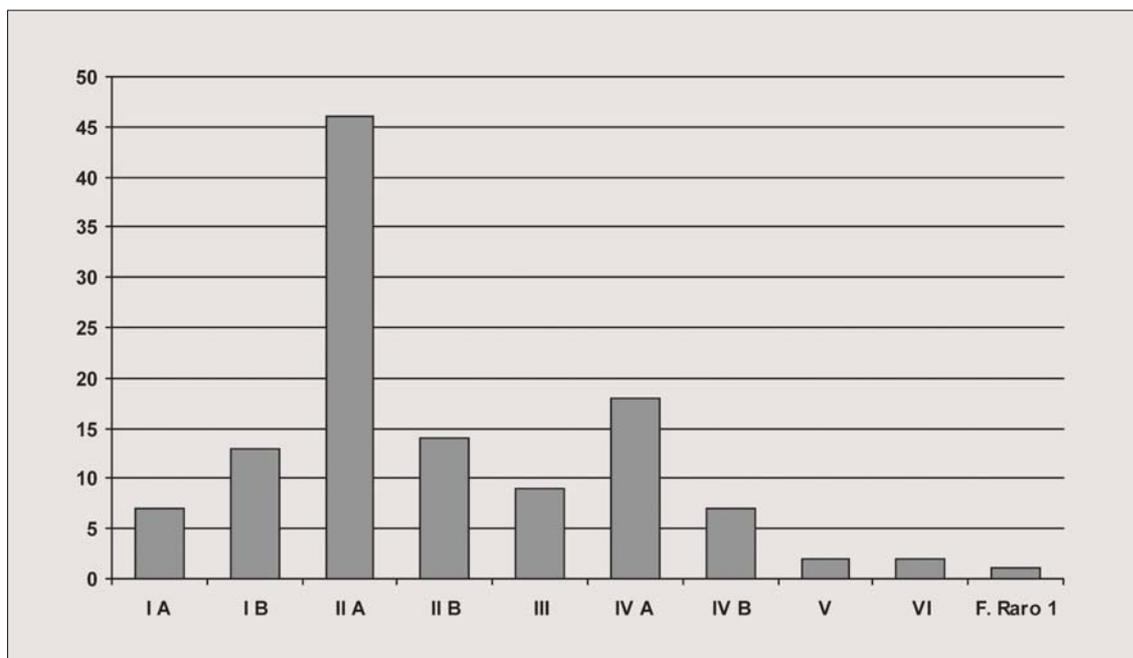


Fig. 4 Distribuição dos grupos de fabrico.

2.2. As formas

2.2.1. A forma B/C de PELLICER

A dificuldade de distinguir, apenas através de fragmentos de bordo, os dois tipos anfóricos que Pellicer pôde identificar em Macareno, originou uma denominação comum que é utilizada pela totalidade dos investigadores.

As ânforas da Forma B/C de Pellicer (Pellicer, 1978, 1982; Pellicer et. al., 1983) constituem o grupo melhor representado em Faro, com 40 exemplares, o que corresponde a 34% do conjunto, surgindo em número significativo (29 fragmentos) num contexto que a cerâmica de “tipo Kuass” permitiu datar entre finais do século IV e o século III a.C. Do ponto de vista da tipologia dos bordos, dois exemplares parecem caber no subgrupo B/C 1 (Fig. 5, n.ºs 1 e 2), apresentando um bordo trapezoidal, subgrupo que, em Macareno, surge entre os finais do século VI e os meados do V a.C. No subgrupo B/C 3, integram-se 5 exemplares (Fig. 5, n.ºs 8 a 12; Fig. 6, n.º 19) de bordo amendoado e engrossado no exterior, de secção oval ou rectangular, que, também no Cerro Macareno, foram encontrados em níveis datados entre a segunda metade do século V e o terceiro quartel do século IV a.C. Com ombro mais horizontal, e bordos de secção de tendência oval e quadrangular,

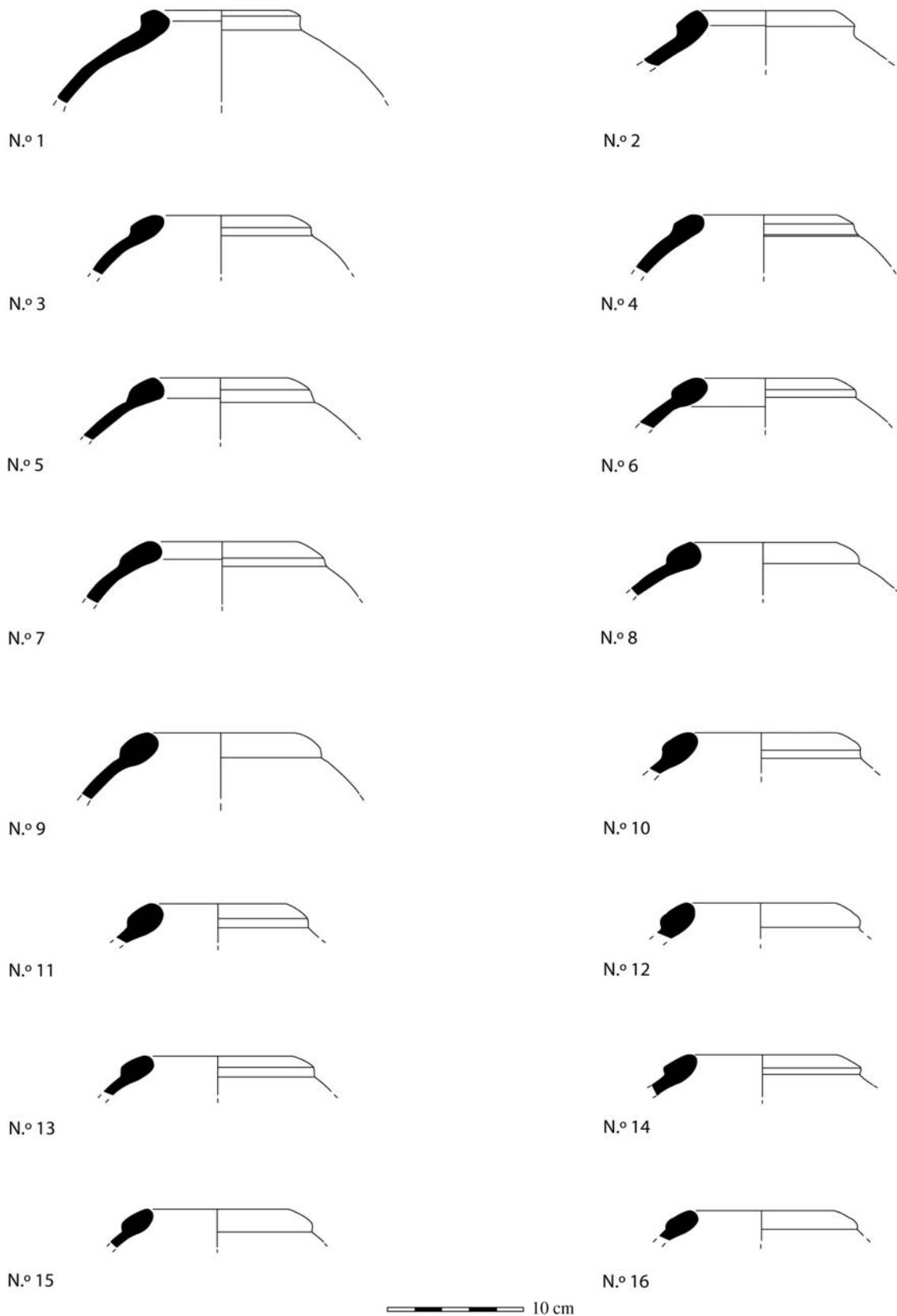


Fig. 5 Ânforas do tipo B/C de Pellicer.

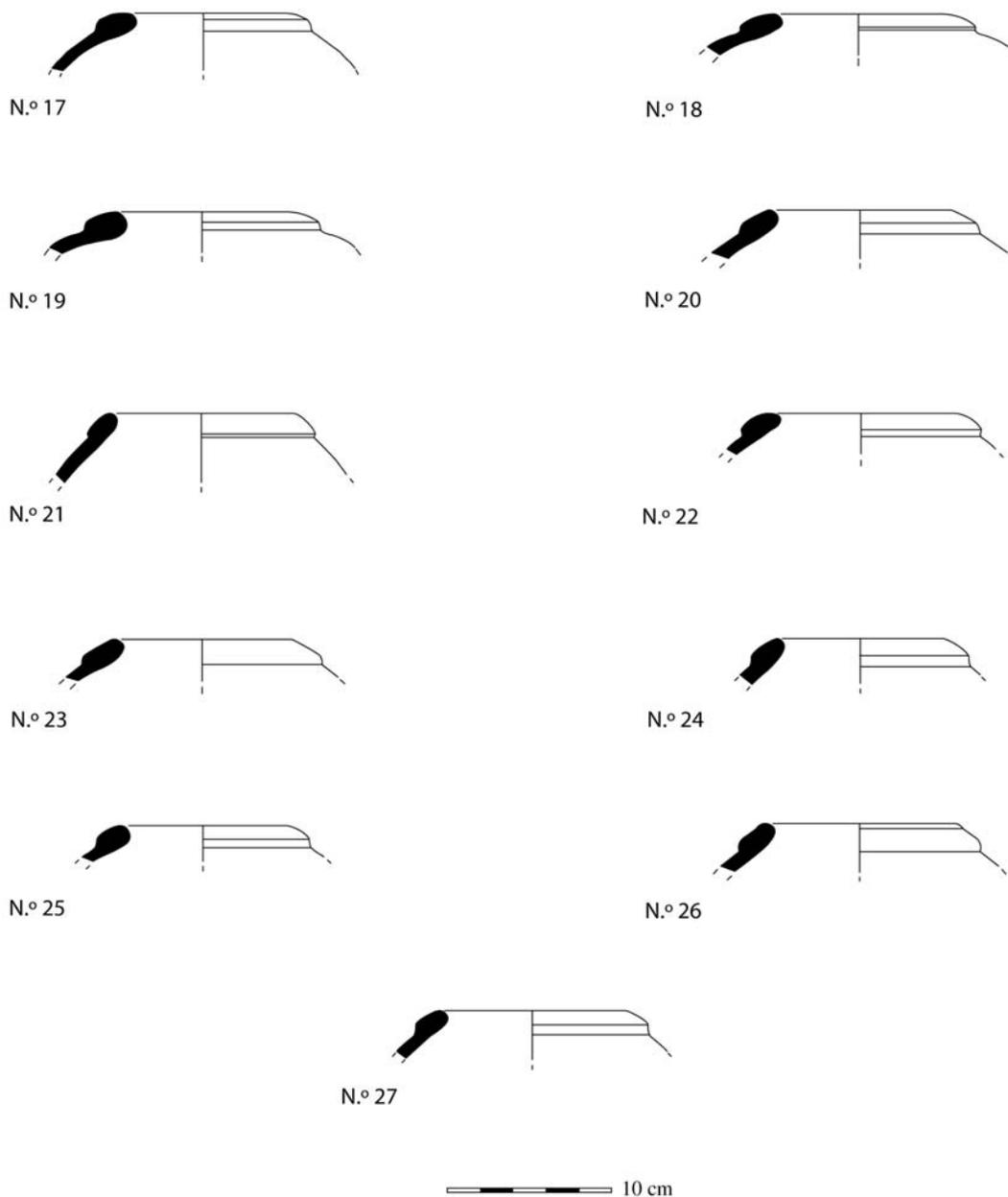


Fig. 6 Ânforas do tipo B/C de Pellicer.

podendo corresponder à forma evolucionada de B/C, com cronologias do século III a II a.C. segundo o Cerro Macareno (Pellicer et al., 1983, p. 87), existem em Faro 18 exemplares (Fig. 5, n.ºs 3 a 7 e n.ºs 13 a 16; Fig. 6, n.ºs 17 a 18 e n.ºs 20 a 27). Estes últimos apresentam ainda grandes afinidades com alguns dos exemplares enquadrados por Ramon Torres no tipo 4.2.2.5.

Sobre o exacto local de produção das ânforas de tipo B e C de Pellicer há já alguns dados. Se é verdade que os fornos que na década de 70 do século XX foram escavados em Macareno não forneceram elementos que permitam pensar no fabrico local deste tipo (Ruiz Mata e Córdoba, 1999; Belén Deamos, no prelo), o facto é que no de Pajar de Artillo parecem ter sido cozidas ânforas desta morfologia (Luzón, 1973). Por outro lado, em Carmona, mais exactamente junto à ribeira

de Arbolón, foram escavados oito fornos, em cujas câmaras de cozedura foram encontradas ânforas B/C, bem como, aliás, outras, concretamente de tipo Carmona (Rodríguez, 2001). O aparecimento da forma na fábrica de preparados de peixe de Las Redes (Frutos et al., 1988) possibilitou a atribuição de um conteúdo específico, não sendo impossível pensar num qualquer local de produção do contentor nas imediações da referida fábrica. Aqui, onde estas ânforas correspondem, genericamente, às formas B, C e D de “Las Redes” (Frutos et al., 1988, p. 297-298), a sua presença está atestada entre a segunda metade do século V e os inícios do III a.C., o que parece confirmar as observações estratigráficas do Cerro Macareno.

No território actualmente português, não são numerosos os sítios que forneceram ânforas do tipo B/C, mas a sua presença foi detectada em Santarém (Arruda, 1999-2000), em Chões de Alpompe (Diogo, 1993), em Tavira (Maia, 2004), no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993), em Vila Velha de Alvor (Gamito, 1997) e em Miróbriga (Soares e Silva, 1979). Destaca-se ainda a recolha de dois exemplares em Moinho do Pinto (Odeleite) (Freitas e Oliveira, no prelo). Em Castro Marim, estas são maioritárias nos níveis da segunda metade do século V, tendo-se registado que, nos séculos IV e III, eram já residuais, dando então lugar a outras formas, nomeadamente às D de Pellicer e às Mañá-Pascual A4. Em Faro, pelo contrário, e como já atrás referimos, estas ânforas aparecem exclusivamente em contextos mais tardios (séculos IV e III a.C.).

Neste tipo anfórico, verificou-se a existência de três grupos de fabrico, em parte já comentados. Convém, no entanto, recordar, que a grande maioria dos exemplares *ossonobenses* deste tipo se integra no que foi definido como Grupo I, grupo que não pode ser adstrito a nenhuma área de produção concreta, mas cujas características permitiram avançar a hipótese de se tratar de uma produção local ou regional. Outros sete exemplares integram-se no grupo III, fabrico bem documentado nesta mesma forma no Castelo de Castro Marim, 12 no grupo II e dois no grupo IV. Esta diferenciação em termos do fabrico pode não só traduzir distintos centros abastecedores, como também justificar as distinções cronológicas observadas nos dois sítios algarvios no que diz respeito a este tipo anfórico.

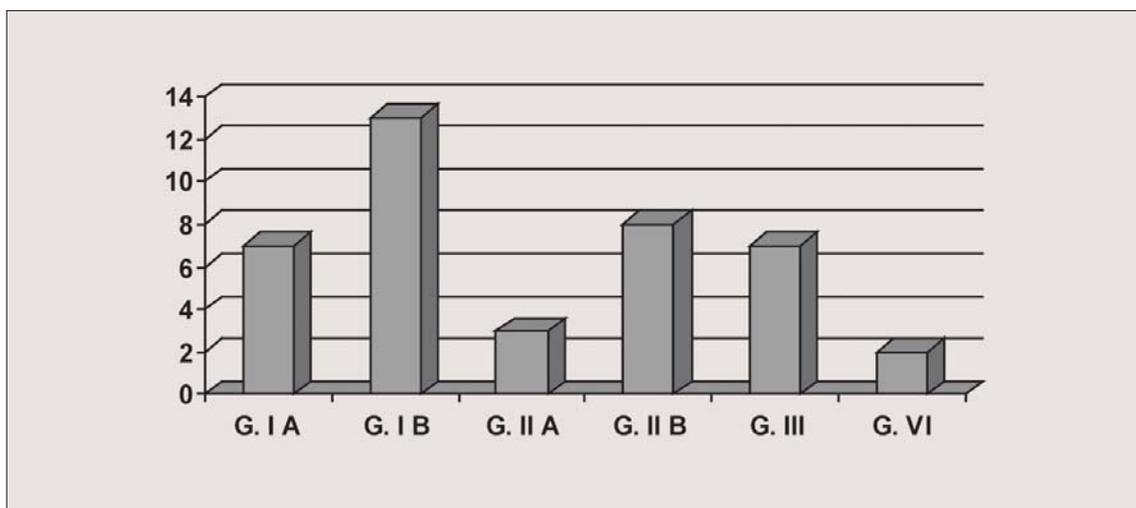


Fig. 7 Distribuição dos grupos de fabrico nas ânforas de tipo B/C de Pellicer.

Catálogo

N.º 1 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70195)
Fragmento de bordo e ombro; lábio espessado internamente de secção trapezoidal, com 11,8 cm de diâmetro exterior, parede côncavo-convexa. Altura conservada: 6,6 cm. Grupo de fabrico III.

N.º 2 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 2, 112, n.º 69649)
Fragmento de bordo; lábio espessado de secção ovalada, com 10,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,6 cm. Grupo de fabrico III.

N.º 3 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2002, Sond. 2, 79, n.º 72292)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção trapezoidal, com 10 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,4 cm. Grupo de fabrico II B.

N.º 4 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69693)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção trapezoidal, com 10,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,2 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 5 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70119)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção quadrangular, com 10,3 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,1 cm. Grupo de fabrico III.

N.º 6 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70090)
Fragmento de bordo; lábio espessado de secção ovalada, com 10,6 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,3 cm. Grupo de fabrico II B.

N.º 7 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70162)
Fragmento de bordo e ombro; lábio de secção quadrangular, com 11 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,5 cm. Grupo de fabrico III.

N.º 8 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2002, Sond. 1, 113, n.º 69698)
Fragmento de bordo, lábio espessado de secção ovalada, com 10,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,4 cm. Grupo de fabrico III.

N.º 9 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69944)
Fragmento de bordo; lábio de secção ovalada, com 11,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,1 cm. Grupo de fabrico III.

N.º 10 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69803)
Fragmento de bordo; lábio espessado de secção trapezoidal, com 11,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,6 cm. Grupo de fabrico II B.

N.º 11 – Fig. 5 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69940)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção ovalada, com 10 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,8 cm. Grupo de fabrico I A.

- N.º 12 – Fig. 5** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69921)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção ovalada, com 11,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,2 cm. Grupo de fabrico VI.
- N.º 13 – Fig. 5** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69772)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, com 11 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3 cm. Grupo de fabrico I A.
- N.º 14 – Fig. 5** (Museu de Faro, 2001, Sond. 2, 92, n.º 72768)
Fragmento de bordo; lábio espessado externamente, de secção ovalada, com 11 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,1 cm. Grupo de fabrico I A.
- N.º 15 – Fig. 5** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69825)
Fragmento de bordo, lábio espessado de secção ovalada, com 10,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,5 cm. Grupo de fabrico I B.
- N.º 16 – Fig. 5** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 59845)
Fragmento de bordo, lábio espessado de secção ovalada, com 10,6 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,2 cm. Grupo de fabrico I B.
- N.º 17 – Fig. 6** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69837)
Fragmento de bordo; lábio de secção ovalada, com 10,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,4 cm. Grupo de fabrico I B.
- N.º 18 – Fig. 6** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70147)
Fragmento de bordo; lábio espessado externamente de secção ovalada, com 14,4 cm de diâmetro exterior . Altura conservada: 2,2 cm. Grupo de fabrico I B.
- N.º 19 – Fig. 6** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69889)
Fragmento de bordo; lábio espessado de secção ovalada, com 11 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,2 cm. Grupo de fabrico I B.
- N.º 20 – Fig. 6** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 64899)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, com 11,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3 cm. Grupo de fabrico II B.
- N.º 21 – Fig. 6** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 105, n.º 69548)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, com 11,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,2 cm. Grupo de fabrico II B.
- N.º 22 – Fig. 6** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 64901)
Fragmento de bordo; lábio de secção ovalada, com 12,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,2 cm. Grupo de fabrico I A.

N.º 23 – Fig. 6 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69786)

Fragmento de bordo; lábio espessado externamente de secção ovalada, com 13,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,4 cm. Grupo de fabrico I A.

N.º 24 – Fig. 6 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70143)

Fragmento de bordo; lábio de secção ovalada com 10,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,3 cm. Grupo de fabrico I B.

N.º 25 – Fig. 6 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69885)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, com 10,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,2 cm. Grupo de fabrico I B.

N.º 26 – Fig. 6 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69816)

Fragmento de bordo; lábio de secção quadrangular, com 11,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,6 cm. Grupo de fabrico I A.

N.º 27 – Fig. 6 (Museu de Faro, 2002, Sond. 2, 96, n.º 72763)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, com 11,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,5 cm. Grupo de fabrico II B.

2.2.2. As ânforas do tipo Tiñosa

As ânforas de tipo Tiñosa (Ramon Torres T-8.1.1.2.) têm um corpo de forma geral bicónica e não possuem colo ou ombro. Os bordos são verticais, rectilíneos no exterior e espessados no interior (Fig. 8, n.ºs 28 a 39 e Fig. 9, n.ºs 40 a 47). Estão habitualmente cobertas por um engobe esbranquiçado ou amarelo claro.

Num trabalho recente sobre este tipo anfórico (Carretero, 2004) ficaram demonstrados um conteúdo oleário e uma área de produção localizada na *Campiña Gaditana*, mesmo que os fornos que cozeram estas ânforas não tenham ainda sido encontrados.

A cronologia desta forma está definida, situando-se nos séculos IV e III a.C., como está evidenciado pelos contextos em que tem sido recolhida.

As ânforas que se enquadram neste tipo são muito abundantes na Andaluzia em geral, e muito especialmente na área da *Campiña*, de que são exemplo os sítios de Cerro Naranja (González Rodríguez e Ruiz Mata, 1999; González, 1987a, 1987b), San Cristóbal (Ruiz Mata e Pérez, 1995; Ruiz Mata e Niveau de Villedary y Mariñas, 1999) e Doña Blanca (Ruiz Mata e Pérez, 1995). Distribuem-se contudo por outras áreas andaluzas, tal como o vale do Guadalquivir (Cerro Macareno: Pellicer, 1978, 1983; Pellicer et al., 1983), a Andaluzia Oriental (El Majuelo: Molina Fajardo et al., 1984) e a área onubense (Cabezo de San Pedro: Blázquez et al., 1970; Aljaraque: Blázquez et al., 1971; Niebla: Belén Deamos et al., 1983, e Tiñosa: Belén Deamos e Fernández Miranda, 1978).

Ânforas do tipo Tiñosa produzidas na *Campiña Gaditana* encontraram-se também na costa atlântica do Norte de África, concretamente em Lixus (Aranegui et al., 2001), e em Kuass (Alaoui, 2003, *apud* Carretero, 2004).

No território actualmente português, o tipo parece confinar-se ao Algarve, estando presente em grandes quantidades em Castro Marim (Arruda, 2000, 2001), mas também em Tavira (Maia, 2004), no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993), tendo sido recolhido também um exemplar nas

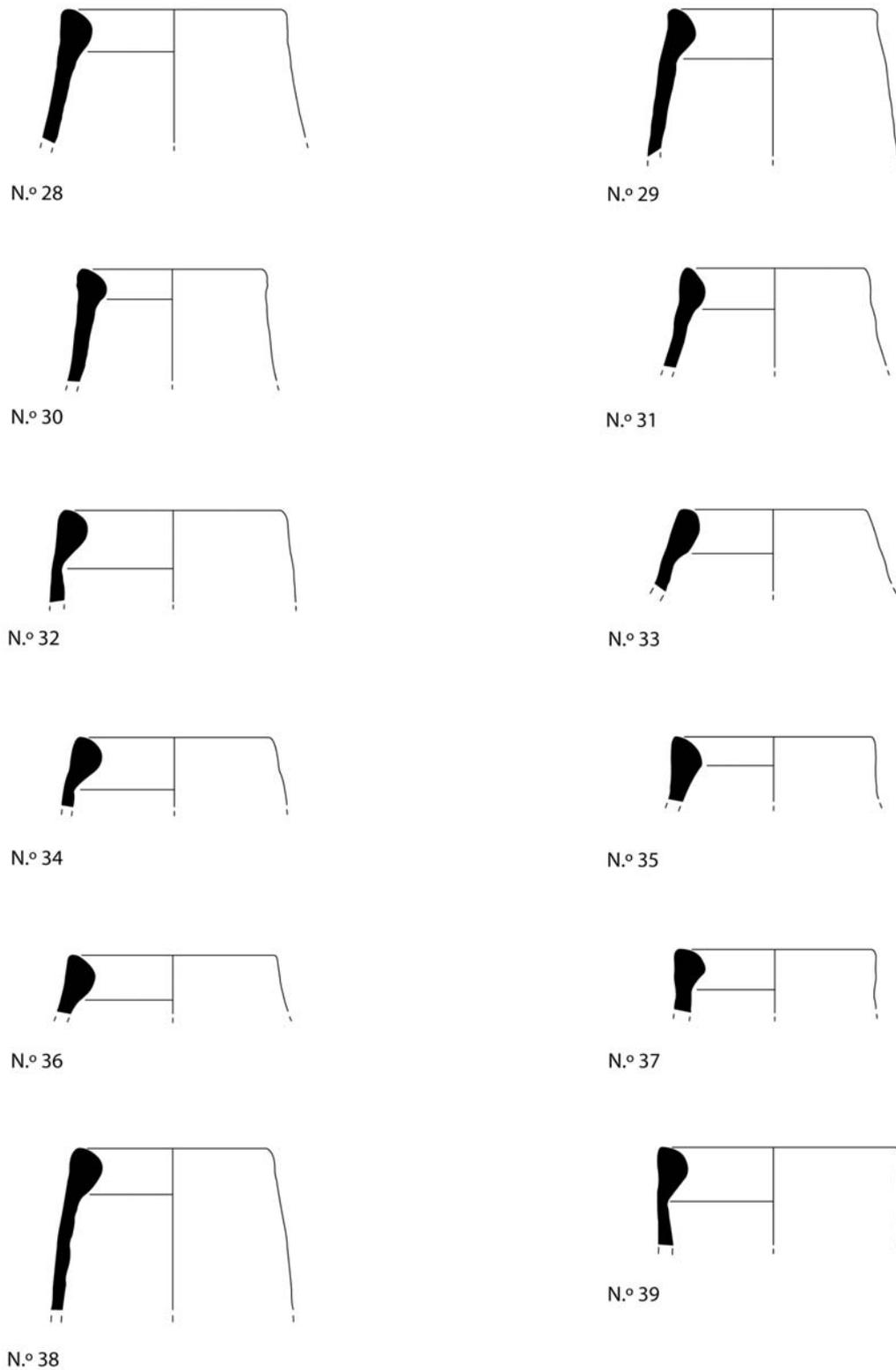


Fig. 8 Ânforas do tipo Tiñosa.

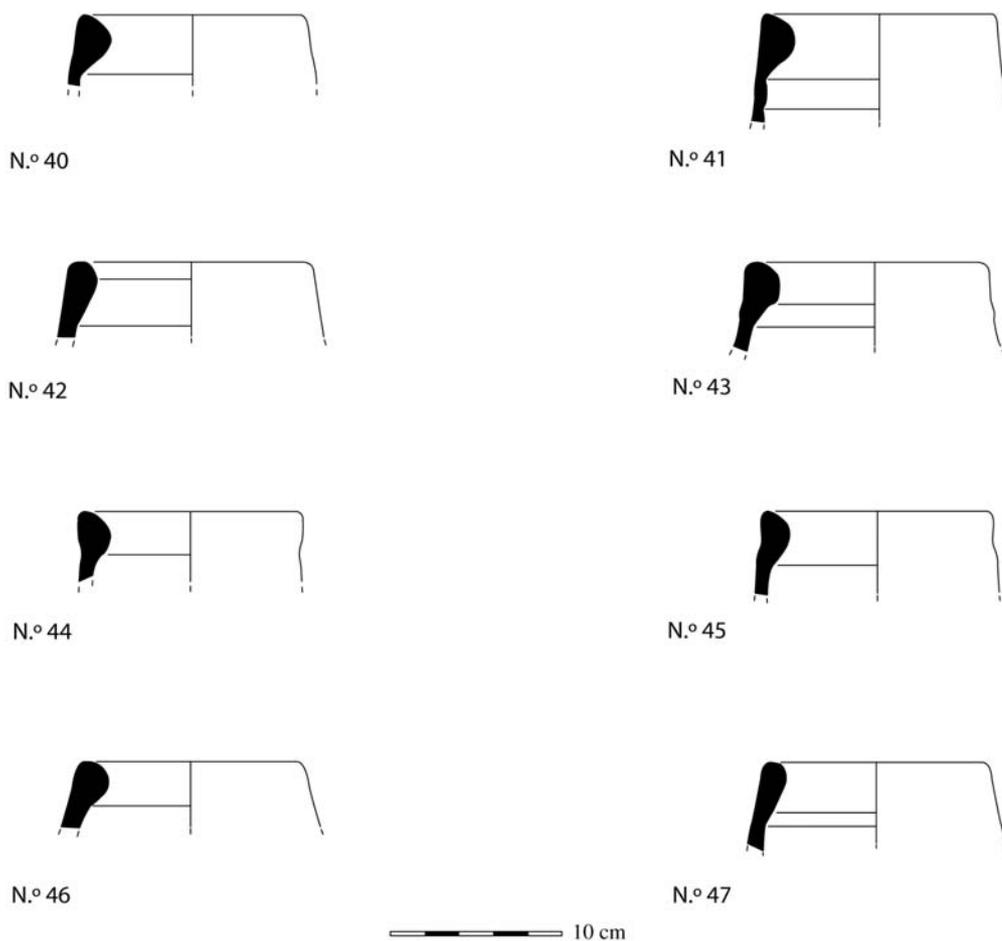


Fig. 9 Ânforas do tipo Tiñosa.

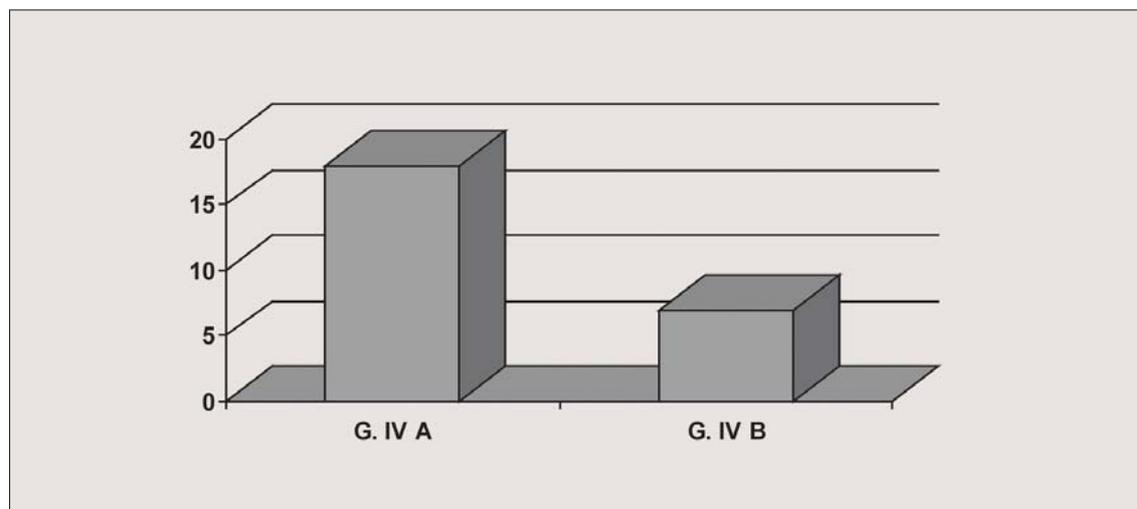


Fig. 10 Distribuição dos grupos de fabrico nas ânforas de tipo Tiñosa.

dragagens do rio Arade (Diogo et al., 2000). Destaca-se ainda um fragmento recolhido no Cerro da Velha, Odeleite (Freitas e Oliveira, no prelo).

Em Faro, o conjunto das ânforas integráveis nesta categoria é significativo, tendo sido contabilizados 25 fragmentos de bordo, o que representa 21% do conjunto anfórico.

Como já atrás referimos, possuem as características pastas da *Campiña Gaditana* descritas por Carretero (2004, p. 90-91), que correspondem ao nosso Grupo IV. Este tipo de pastas é, aliás, exclusivo desta forma.

N.º 28 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 80, n.º 66167)

Fragmento de bordo e parede; lábio espessado, de secção triangular, com 14,2 cm de diâmetro exterior. Parede pouco espessa e ligeiramente invertida. Altura conservada: 8,8 cm. Grupo de fabrico IVB.

N.º 29 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 64959)

Fragmento de bordo e parede; lábio espessado, de secção triangular, com 13,2 cm de diâmetro exterior. Parede pouco espessa de tendência vertical. Altura conservada: 9,8 cm. Grupo de fabrico IVB.

N.º 30 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 112, n.º 69619)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção subcircular, com 12 cm de diâmetro exterior. Parede pouco espessa de tendência vertical. Altura conservada: 7,4 cm. Grupo de fabrico IVA.

N.º 31 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2002, Sond. 2, 94, n.º 72728)

Fragmento de bordo e parede; lábio espessado, de secção ovalada, com 11,8 cm de diâmetro exterior. Parede pouco espessa de tendência vertical. Altura conservada: 6,6 cm. Grupo de fabrico IVA.

N.º 32 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69697)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção trapezoidal, com 14,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 6 cm. Grupo de fabrico IVA.

N.º 33 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 103, n.º 68836)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção quadrangular, com 12 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 5,4 cm. Grupo de fabrico IVA.

N.º 34 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70117)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção subcircular, com 12,6 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,6 cm. Grupo de fabrico IVA.

N.º 35 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2002, Sond. 1, 30, n.º 71321)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção triangular, com 13 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,2 cm. Grupo de fabrico IVA.

N.º 36 – Fig. 8 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69657)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção trapezoidal, com 13,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4 cm. Grupo de fabrico IVA.

- N.º 37 – *Fig. 8* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 105, n.º 69581)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção triangular, com 12,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,2 cm. Grupo de fabrico IV B.
- N.º 38 – *Fig. 8* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 103, n.º 69961)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção triangular, com 12,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 10,7 cm. Grupo de fabrico IV B.
- N.º 39 – *Fig. 8* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 103, n.º 69883)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção trapezoidal, com 15,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 6,5 cm. Grupo de fabrico IV A.
- N.º 40 – *Fig. 9* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70057)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção triangular, com 12,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,2 cm. Grupo de fabrico IV A.
- N.º 41 – *Fig. 9* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 103, n.º 64787)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção subcircular, com 15,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,9 cm. Grupo de fabrico IV A.
- N.º 42 – *Fig. 9* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69890)
Fragmento de bordo; lábio espessado de secção oval, com 14,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,4 cm. Grupo de fabrico IV A.
- N.º 43 – *Fig. 9* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 96, n.º 72760)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção trapezoidal, com 12,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 10,7 cm. Grupo de fabrico IV B.
- N.º 44 – *Fig. 9* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 103, n.º 68890)
Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção ovalada, com 12,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4 cm. Grupo de fabrico IV A.
- N.º 45 – *Fig. 9* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 105, n.º 69496)
Fragmento de bordo; lábio espessado de secção trapezoidal, com 13,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,6 cm. Grupo de fabrico IV A.
- N.º 46 – *Fig. 9* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69922)
Fragmento de bordo; lábio espessado de secção subcircular, com 13 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,8 cm. Grupo de fabrico IV A.
- N.º 47 – *Fig. 9* (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69847)
Fragmento de bordo; lábio vertical de tendência ovalada, com 12,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,7 cm. Grupo de fabrico IV A.

2.2.3. As ânforas *Mañá-Pascual A4*

As ânforas *Mañá-Pascual A4* foram abundantemente produzidas no Ocidente entre os finais do século VI e o século I a.C., quer no Norte de África, quer na Península Ibérica, e o seu conteúdo era inegavelmente piscícola. Estão englobadas nas séries 11 e 12 de Joan Ramon, não têm colo e possuem boca estreita, com bordo reentrante espessado externa e/ou internamente e ombros altos e arredondados, separados do corpo por uma carena. A face externa do lábio pode ser arredondada ou aplanada e está, na maioria dos casos, separada da parede do ombro por uma canelura. Nos exemplares mais tardios, a partir do século III a.C., os bordos perdem espessamento, os lábios tornam-se quase inexistentes, ou destacam-se pouco da parede do ombro, parede essa que se torna mais vertical (alguns tipos da série 12 de Joan Ramon).

A grande variedade formal registada neste tipo anfórico, ao nível do perfil do bordo, da inclinação do ombro e mesmo da forma geral do corpo, parece ter que relacionar-se não só com o longo período de produção, mas também com a diversidade de centros oleiros. Torre Alta (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1990; Frutos e Muñoz Vicente, 1994; García Vargas, 1998), Pery Junquera (Gonzalez Toray et al., 2000) e Villa Maruja (Bernal et al., 2003) são bons exemplos desta produção.

Também na costa de Málaga existem evidências do fabrico deste tipo, concretamente em Cerro del Villar (Aubert et al., 1999), Cerro del Mar (Arteaga, 1985) e, possivelmente, em Morro de Mezquitilla (Marzoli, 2000).

No Norte de África, a mesma forma foi fabricada, sendo os fornos de Kuass a melhor testemunha desta produção norte africana (Ponsich, 1967). Ressalte-se, no entanto, que as variantes presentes nos centros oleiros marroquinos atestam que o início do fabrico deste tipo é aí mais tardio, concretamente localizado na segunda metade do século IV a.C. De qualquer modo, os fornos da Baía gaditana destacam-se nesta abundantíssima produção, tendo sido certamente os contentores preferencialmente utilizados na distribuição dos preparados de peixe da área de Gadir.

Os exemplares de Faro integram-se maioritariamente na série 12, concretamente 12.1.1.1. (Fig. 11, n.ºs 48 e 49), 12.1.1.2. (Fig. 11, n.ºs 50 a 52 e n.ºs 54-57), de Joan Ramon, o que corresponde às Formas A4D, A4E e A4F de Cádiz. Um único exemplar integra-se na série 11 de Joan Ramon, tipo 11.2.1.6. (Fig. 11, n.º 53).

A cronologia destes tipos concretos de *Mañá-Pascual A4* está documentada no século III a.C.

A forma está representada em Faro por 22 exemplares, o que corresponde a 18% da amostra. Todos eles têm bons paralelos no forno de Torre Alta, San Fernando, Cádiz (Frutos e Muñoz Vicente, 1994; García Vargas, 1998, Fig. 22, n.ºs 2, 3 e 4; Fig. 23, n.ºs 1, 4, 6 e 10).

As características físicas das pastas da totalidade dos fragmentos de Faro indicam uma área de fabrico localizada na Baía de Cádiz, pertencendo ao nosso Grupo II.

As ânforas *Mañá-Pascual A4* conheceram uma enorme expansão e difusão, não só em todo o Mediterrâneo ocidental, mas também central e oriental.

Vários sítios da costa atlântica portuguesa forneceram ânforas deste tipo, quer da série 11 quer da 12. Deve, no entanto, destacar-se que os exemplares mais tardios (do século III a.C. em diante) apenas se registaram em Lisboa (Pimenta, 2004) e em Castro Marim (Arruda et al., no prelo a), ainda que as formas do século V e IV a.C. (11.2.1.3. e 11.2.1.4.) estejam também presentes no sítio do Guadiana (Arruda, 2000, 2001; Arruda et al., no prelo a), ao contrário do que sucede em Faro. No Castelo de Alcácer do Sal (Silva et al., 1980-81) e em Santarém (Arruda, 1999-2000) o tipo 11.2.1.4 foi registado. Ainda no Algarve, no sítio de Monte Molião pode uma de nós recolher, há já muitos anos, um fragmento de bordo passível de integração no tipo 11.2.1.6. (Fig. 11, n.º 58).

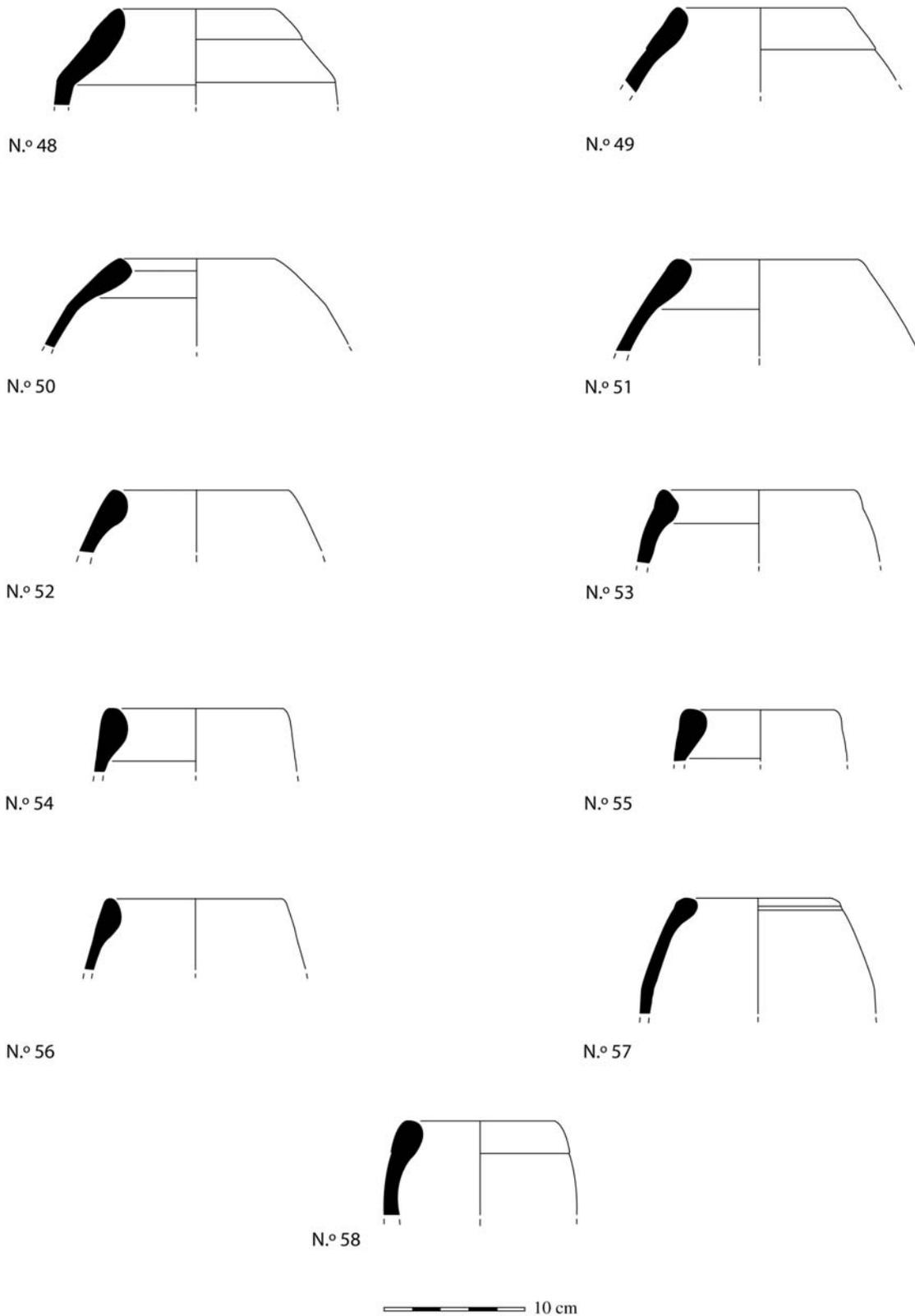


Fig. 11 Ânforas do tipo Mañá-Pascual A4, provenientes de Faro (n.º 48 a 57), e ânfora do tipo Mañá-Pascual A4, proveniente de Monte Molião (n.º 58).

No interior algarvio, quer na Serra quer no Barrocal, concretamente no Concelho de Castro Marim, foram identificados sítios, onde foram recolhidas algumas ânforas deste tipo (Freitas e Oliveira, no prelo). É possível que as ânforas referidas por Manuel e Maria Maia com púnicas provenientes de sítios da freguesia do Cachopo (Concelho de Tavira) possam caber nesta mesma forma.

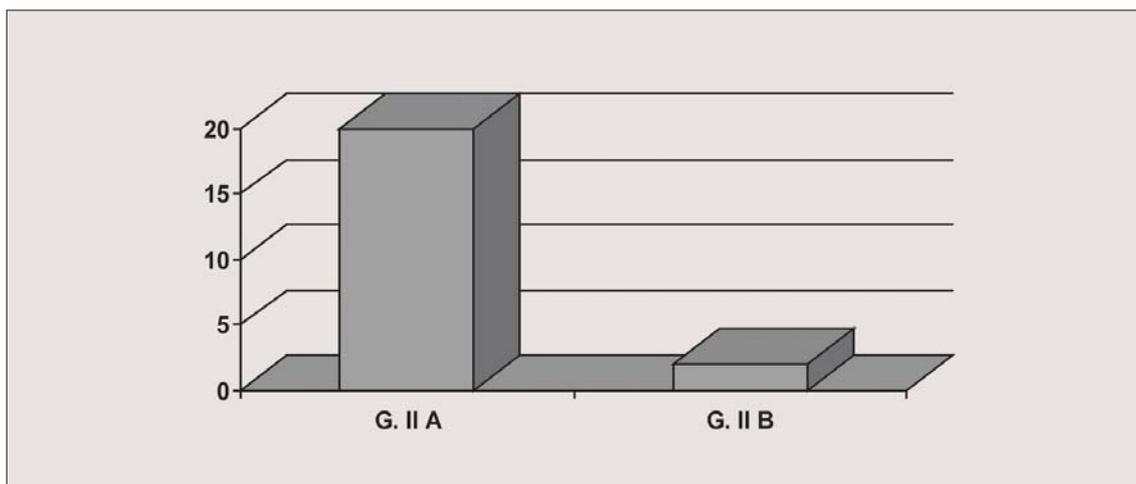


Fig. 12 Distribuição dos grupos de fabrico nas ânforas de tipo Mañá-Pascual A4.

- N.º 48 – Fig. 11** (Museu de Faro, 2002, Sond. 1, 99, n.º 68394)
 Fragmento de bordo e ombro; parede oblíqua separada do corpo por uma canelura, lábio ligeiramente espessado é uma continuação da parede, com 11,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 6,8 cm. Grupo de fabrico II A.
- N.º 49 – Fig. 11** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 82, n.º 67304)
 Fragmento de bordo e parede; lábio ligeiramente espessado, de secção quadrangular, com 12 cm de diâmetro exterior, separado do ombro por uma canelura. Altura conservada: 6 cm. Grupo de fabrico II A.
- N.º 50 – Fig. 11** (Museu de Faro, 2002, Sond. 2, 113, n.º 72421)
 Fragmento de bordo; lábio espessado de secção ovalada, com 11,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 6,1 cm. Grupo de fabrico II A.
- N.º 51 – Fig. 11** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 82, n.º 67346)
 Fragmento de bordo; lábio espessado de secção ovalada, com 12 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 6 cm. Grupo de fabrico II A.
- N.º 52 – Fig. 11** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69812)
 Fragmento de bordo; lábio espessado internamente de secção arredondada, com 12 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,1 cm. Grupo de fabrico II A.
- N.º 53 – Fig. 11** (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 105, n.º 69446)
 Fragmento de bordo e parede; lábio espessado, de secção trapezoidal, com 13,6 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 5,2 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 54 – Fig. 11 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 84811)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção ovalada, com 12,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,4 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 55 – Fig. 11 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70193)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção subcircular, com 10,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,6 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 56 – Fig. 11 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 64910)

Fragmento de bordo; lábio ligeiramente espessado internamente de secção ovalada, com 12,6 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,4 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 57 – Fig. 11 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 71056)

Fragmento de bordo e parede; lábio espessado, de secção circular, com 10,4 cm de diâmetro exterior. Parede pouco espessa de tendência vertical. Altura conservada: 8,2 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 58 – Fig. 11 (Monte Molião, prospecção)

Fragmento de bordo; Lábio espessado internamente de secção arredondada, com 14,5 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 6,7 cm. Grupo de fabrico II A.

2.2.4. O tipo D de PELLICER

As ânforas de tipo D de Pellicer são ânforas de tendência cilíndrica, sem colo, de boca estreita, com bordo espessado e muito reentrante. O corpo é cilíndrico, com ombros que apresentam acentuada concavidade, sem que exista qualquer ruptura na trajectória da parede superior do corpo.

Trinta e dois exemplares de Faro (27% do conjunto anfórico) integram-se nesta forma (Fig. 13, n.ºs 59 a 71). Corresponde à forma XI de Florido, foi chamada de C1 por Muñoz Vicente ou Cádiz C1 por García Vargas. Na tipologia de Joan Ramon corresponde ao tipo 4.2.2.5. Os fragmentos incluem-se no grupo 4 deste tipo de ânfora, que se costuma designar por «ibero-turdetano» ou «ibero-púnico».

Na Península Ibérica, a área de produção desta forma não é ainda segura. O seu fabrico nos fornos escavados na década de 70 junto ao Cerro Macareno (Ruiz Mata e Córdoba, 1999) não ficou demonstrado (Belén Deamos, no prelo), e o mesmo se passa no forno de Pajar de Artillo (Luzón Nogué, 1973), apesar de aí se terem documentado ânforas deste tipo nos níveis contemporâneos da actividade do forno (Luzón Nogué, 1973). Há poucos anos, a baía de Cádiz foi proposta como centro produtor deste contentor (García Vargas, 1998), ainda que as evidências da produção não sejam ainda conclusivas. Mas a área de dispersão, bem como a cronologia, foram argumentos utilizados na defesa desta possibilidade (García Vargas, 1998, p. 62).

O seu fabrico em Castro Marim foi também já proposto (Arruda, 1997, 1999/2000, 2001; Arruda et al., no prelo a), dada a presença, no sítio, de exemplares deformados aparentemente pela acção da cozedura.

Uma produção norte africana, nomeadamente em Kuass, ficou evidenciada pelos trabalhos que Ponsich levou a efeito na década 50, naquele centro oleiro (Ponsich, 1967).

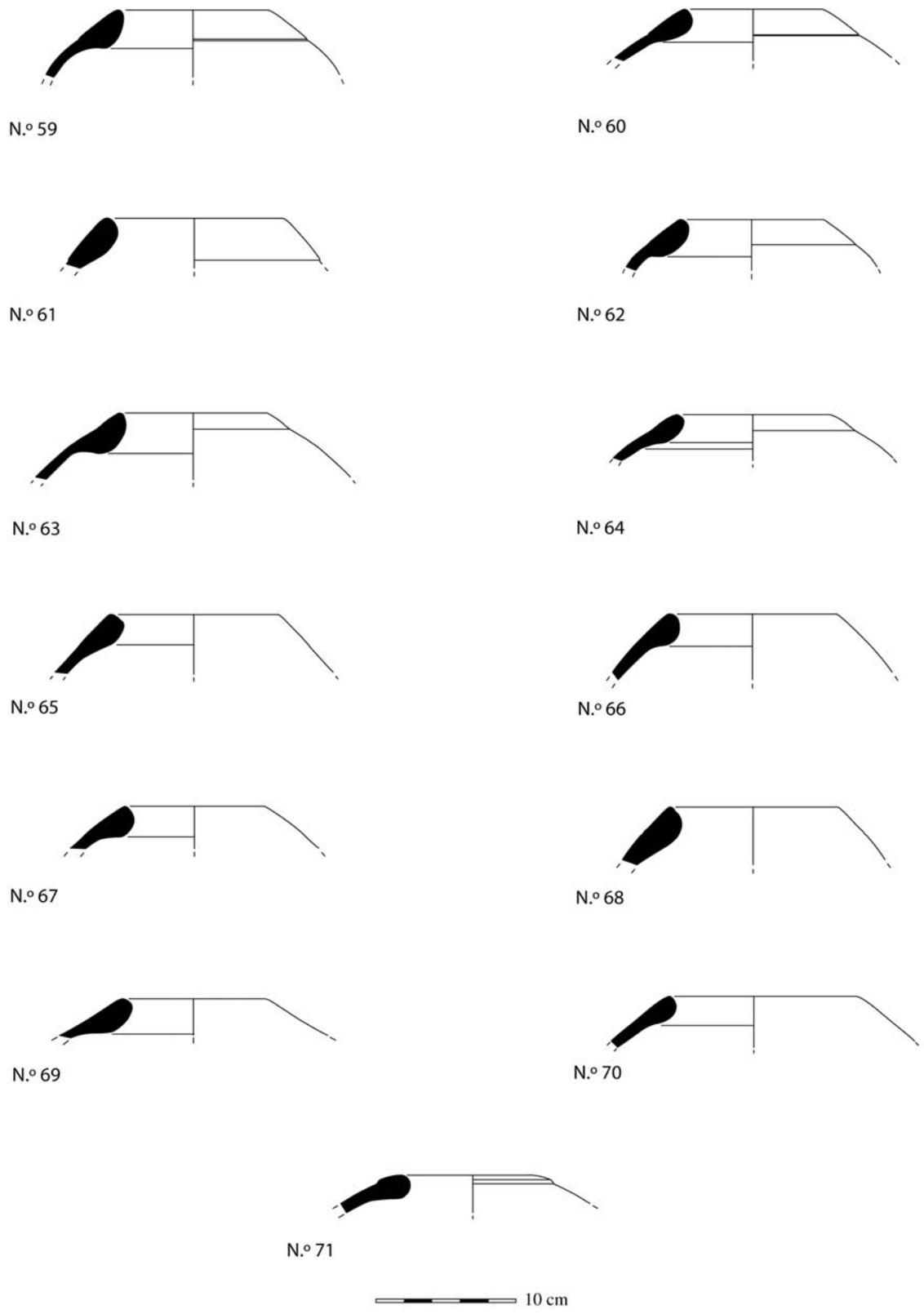


Fig. 13 Ânforas do tipo D de Pellicer.

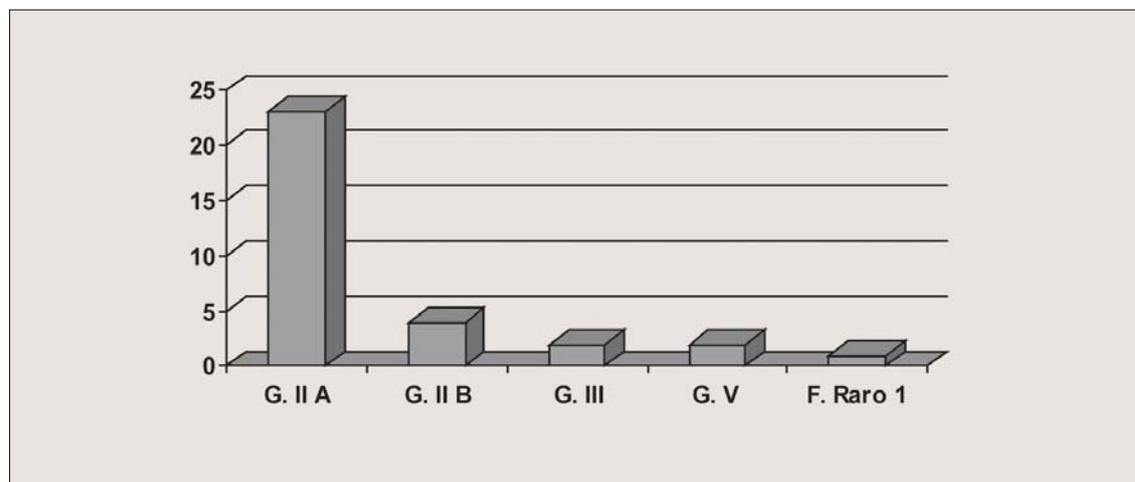


Fig. 14 Distribuição dos grupos de fabrico nas ânforas de tipo D de Pellicer.

No território actualmente português, a forma encontra-se representada também em outros locais, em contextos sidéricos, como, por exemplo, no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993), no Castelo de Castro Marim (Arruda, 2000; Arruda et al., no prelo a), e ao que parece em Tavira (Maia, 2004). Nos Chões de Alompé (Diogo e Trindade, 1993/94), na Alcáçova de Santarém (Arruda 1999/2000, p. 209, Fig. 143) e em Lisboa (Pimenta, 2004), este tipo de ânfora é proveniente de contextos republicanos, tendo surgido em níveis datáveis do século II a.C., no Castelo de São Jorge (Pimenta, 2004).

A mesma forma surge, abundantemente, em todo o vale do Guadalquivir, onde a produção e circulação, iniciadas nos finais do século IV, terá atingido o fim do século I a.C., como se deduz da estratigrafia de Macareno (Pellicer, 1978, 1982).

O seu aparecimento na fábrica de preparados de peixe de las Redes (Frutos et al., 1988) tornou possível associar esta forma a um conteúdo piscícola, ainda que a sua produção no norte de África deixe em aberto a sua utilização no transporte de azeite e o seu aparecimento numa estrutura de produção de vinho em las Cumbres (Ruiz Mata e Niveau de Villedary y Mariñas, 1999) permita equacionar a possibilidade de um conteúdo vinícola para estes contentores.

Em Faro, a forma não regista diferenças significativas na sua morfologia. Contudo, alguns exemplares apresentam uma ligeira canelura na superfície externa que separa o bordo do ombro (Fig. 13, n.ºs 59 a 64), facto que ficou também evidenciado em Castro Marim (Arruda et al., no prelo a).

A análise das pastas dos exemplares *ossonobenses* permitiram atribuir à grande maioria (85%) uma origem localizada na área do Estreito de Gibraltar, Grupo II, pertencendo os restantes ao que Joan Ramon chamou de Extremo Ocidente indeterminado.

N.º 59 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2002, Sond. 2, 96, n.º 72755)

Fragmento de bordo e ombro; lábio espessado, de secção oval, separado do ombro por uma canelura. Ombro de parede concavo-convexa. O bordo possui 10,8 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,8 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 60 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 105, n.º 69456)

Fragmento de bordo e ombro; lábio espessado, de secção oval, separado do ombro por uma canelura. O bordo possui 10 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,6 cm. Fabrico Raro 1.

N.º 61 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 112, n.º 69603)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, separado do ombro por uma canelura, com 10,6 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,4 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 62 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 117, n.º 70315)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, separado do ombro por uma canelura com 10,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,6 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 63 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 145, n.º 70401)

Fragmento de bordo e ombro; lábio espessado, de secção oval, separado do ombro por uma canelura, com 10,6 cm de diâmetro exterior. Ombro de parede concavo-convexa. Altura conservada: 4,8 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 64 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 119, n.º 70342)

Fragmento de bordo e ombro; lábio espessado interiormente de secção ovalada, separado do ombro por uma canelura, com 11 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,2 cm. Grupo de fabrico III.

N.º 65 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 119, n.º 30337)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção trapezoidal, com 12 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,2 cm. Grupo de fabrico II B.

N.º 66 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70101)

Fragmento de bordo e ombro; lábio espessado, de secção arredondada, com 12 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,8 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 67 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 103, n.º 68727)

Fragmento de bordo e ombro; lábio espessado, de secção oval, com 10 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 68 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70064)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, com 12 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 4,2 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 69 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 145, n.º 70412)

Fragmento de bordo; lábio espessado, de secção oval, com 10,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,6 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 70 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 69476)

Fragmento de bordo; lábio ligeiramente espessado de secção ovalada, com 10,4 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 3,5 cm. Grupo de fabrico II A.

N.º 71 – Fig. 13 (Museu de Faro, 2001, Sond. 1, 113, n.º 70040)

Fragmento de bordo; lábio de secção ovalada, com 11,2 cm de diâmetro exterior. Altura conservada: 2,1 cm. Grupo de fabrico III.

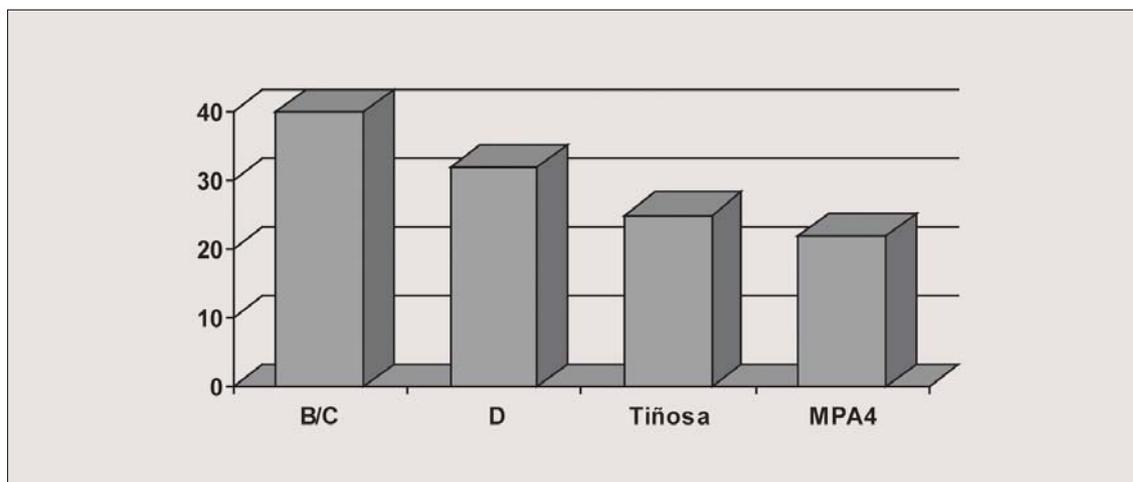


Fig. 15 Distribuição da totalidade dos tipos anfóricos exumados nas escavações no Museu de Faro.

3. Sobre os contextos arqueológicos dos materiais sidéricos e a cronologia da ocupação

Os materiais sidéricos recolhidos nas escavações arqueológicas do Museu de Faro provêm quer de contextos primários de ocupação, quer de níveis considerados de revolvimento.

Dos primeiros, destaca-se a U.E. [113], que os materiais recolhidos permitiram datar, sem grandes reservas, do século III a.C. Esta cronologia baseia-se na análise global do espólio. Embora a produção de determinados tipos anfóricos aqui representados possa remontar a finais do século IV a.C., a sua ampla difusão em centros de consumo ocorre, habitualmente, durante o século III a.C. O mesmo se pode deduzir pela presença de exemplares tardios da forma Mañá-Pascual A4, nomeadamente os tipos 12.1.1.1. e 12.1.1.2.

A cerâmica de “tipo Kuass” é aqui a categoria cerâmica mais abundante, representada, genericamente, pelos tipos II e IX estabelecidos por A. M. Niveau de Villedary y Mariñas (2003). Estas cerâmicas, cronologicamente balizadas entre finais do século IV e inícios do século II a.C. (Niveau de Villedary y Mariñas, 2001, p. 188), encontram-se associadas a ânforas de tipo B/C e D de Pel-

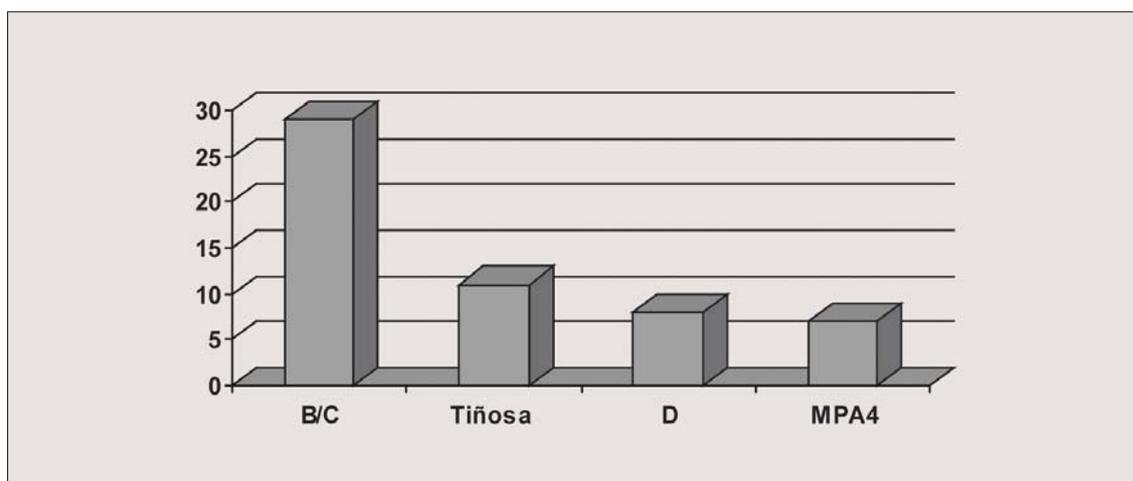


Fig. 16 Distribuição dos contentores anfóricos na U.E. [113].

licer, Tiñosa e Mañá-Pascual A4. O primeiro grupo anfórico referido é o mais abundante neste contexto, contando com vinte e nove exemplares, seguindo-se as de tipo Tiñosa, representadas por onze exemplares, as formas D de Pellicer, com oito fragmentos e as Mañá-Pascual A4, com sete exemplares. Associados a estes materiais estão também alguns vasos de cerâmica pintada em bandas, característicos da segunda metade do primeiro milénio a.C., nomeadamente pratos pintados, na superfície externa com bandas concêntricas, pequenos potes e alguns unguentários.

Cabe ainda referir que desta unidade são provenientes 90% (18 fragmentos) das ânforas integráveis no grupo de fabrico I (exclusivamente pertencentes à forma B/C de Pellicer), que considerámos ser uma possível produção local/regional.

Esta associação de materiais foi identificada em outros sítios arqueológicos da actual zona andaluza, em contextos seguramente datados do século III a.C. É o caso de Cerro Naranja (Jerez, Cádiz) (González 1987a, 1987b), Las Cumbres (Puerto de Santa María, Cádiz) (Niveau de Villedary y Mariñas e Ruiz Mata, 2000), Cabezo de San Pedro (Carretero, 2004, p. 273) e Niebla (Belén e Escacena, 1990). Também no Norte de África, concretamente em Kuass (Ponsich, 1968, 1969) a mesma associação de materiais foi verificada para momentos de igual cronologia.

Os restantes contextos simétricos, concretamente os que se sobrepõem à referida Unidade [113], apresentam já materiais de várias épocas, nomeadamente romanos, ainda que a cerâmica da Idade do Ferro continue a dominar nos inventários.

Refira-se ainda que alguns escassos fragmentos de cerâmica ática são ainda provenientes de vários níveis, mas a sua presença parece estar sempre descontextualizada. Com efeito, a cronologia para eles situa-se entre o início e o final da primeira metade do século IV a.C. (Barros, no prelo), e o único contexto seguro parece ser a referida Unidade 113, com uma datação do século III a.C.

Assim, todos os dados se conjugam no sentido de poder defender-se que a ocupação humana de *Ossonoba* se iniciou *circa* 350 a.C. Com efeito, a totalidade dos materiais que tivemos oportunidade de analisar e estudar, associados ao conjunto dos fragmentos áticos (Barros, no prelo) exumados evidenciam uma realidade cronológica de algum modo tardia no quadro da Idade do Ferro do Sul peninsular. Não nos parece provável que as outras escavações realizadas na cidade (infelizmente ainda inéditas) infirmem esta conclusão, uma vez que no relatório publicado sobre os trabalhos efectuados na «Policía Judiciária» (Gamito, 1994) são referidos materiais que parecem coadunar-se com a cronologia aqui proposta, não havendo nenhum dado que permita deduzir uma ocupação mais antiga.

4. *Ossonoba* no quadro da Idade do Ferro do Extremo Ocidente

Como referimos no ponto anterior, a ocupação humana da actual cidade de Faro parece ter-se iniciado apenas durante o século IV, tudo indicando que essa ocupação atinge um momento alto no século III a.C. De facto, não só a cerâmica ática é rara e tardia (2.º quartel/meados do século IV a.C.) (Barros, no prelo), como a de “tipo Kuass” é muito abundante e as ânforas integram-se, na totalidade, em tipos balizados cronologicamente entre os meados do IV e o século III/II a.C.

Tal situação poderia causar alguma perplexidade, com base nos dados que outros sítios do Sotavento algarvio já forneceram e ainda com os que poderiam ser deduzidos a partir da precoce e significativa presença de fenícios ocidentais na costa ocidental portuguesa. Com efeito, tanto em Tavira, como em Castro Marim, são muito abundantes os vestígios que falam de ocupações da primeira metade do I milénio a.C., ocupações essas relacionadas com o processo de colonização, sentido em torno do Estreito de Gibraltar, lançado por populações oriundas da fachada sirio-palestina.

Por outro lado, está já demonstrado que na fachada ocidental portuguesa se fizeram sentir, pelo menos a partir dos finais do século VIII a.C., os efeitos desse processo, estando documentados na foz do Sado, do Tejo e do Mondego sítios onde os materiais, as técnicas construtivas, as arquitecturas e os hábitos alimentares evidenciam amplas relações com os fenícios então já instalados na área do Estreito.

Assim, seria talvez previsível que a costa algarvia estivesse pontuada de sítios cronológica e culturalmente afins dos de Castro Marim e Tavira, não só pela proximidade geográfica, mas também pela similitude da implantação topográfica e localização geográfica de alguns deles com as dos sítios precedentes, de que Faro se constitui um bom exemplo. Por outro lado, seria lógico que a chegada de populações orientais à fachada ocidental portuguesa se tivesse processado gradual-

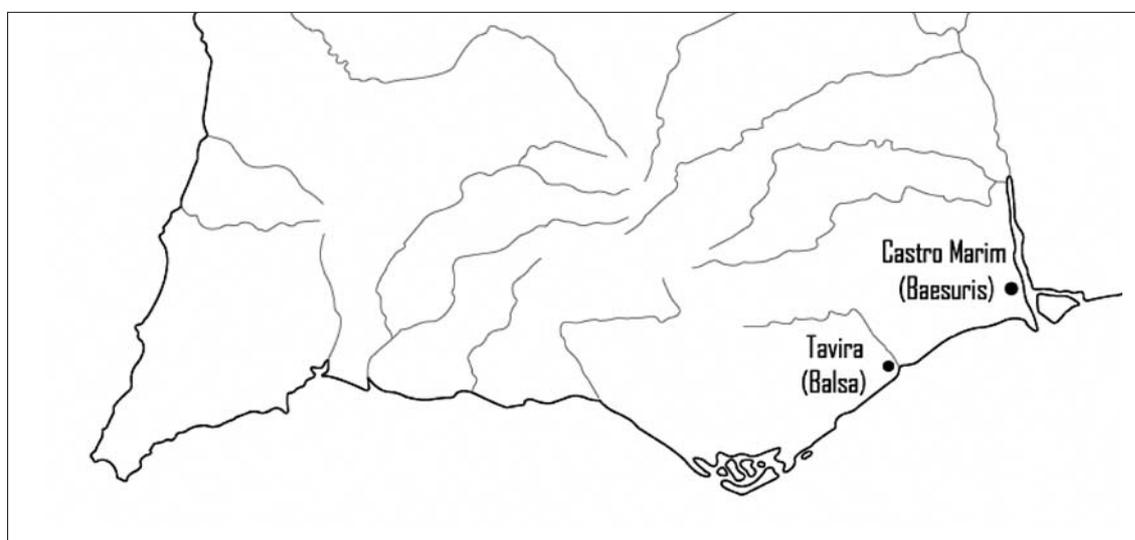


Fig. 17 Ocupação humana do Algarve durante a I Idade do Ferro.

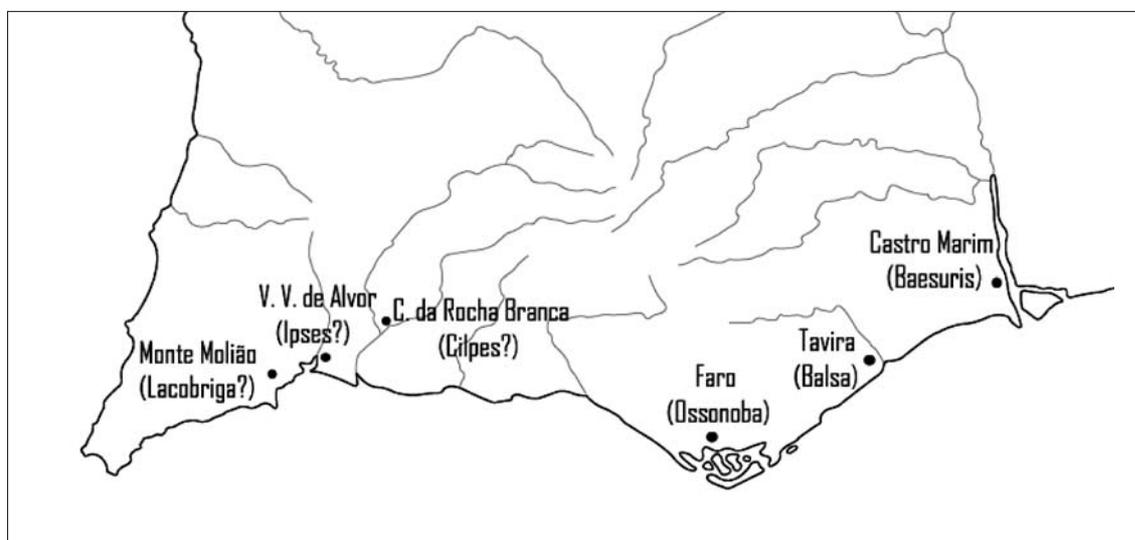


Fig. 18 Ocupação humana do Algarve durante a II Idade do Ferro.

mente, primeiro de Este para Oeste, no Algarve, e depois de Sul para Norte, o que implicaria, para além de Castro Marim e Tavira, outros locais de implantação.

Mas a verdade é que tudo indica que, e ao contrário do que se passa no Sotavento, o Algarve Central e Ocidental parece ter suscitado interesse apenas a partir do século IV a.C. E Faro não é caso isolado. Com efeito, outros sítios parecem fornecer contornos mais nítidos a esta proposta, ainda que de alguns deles pouco saibamos, como é o caso de Vila Velha de Alvor e Monte Molião (Lagos). A fundação do primeiro foi datado entre o século V e o século IV pela arqueóloga responsável pelas escavações (Gamito, 1994, 1997), através de alguns materiais, concretamente ânforas e cerâmica pintada em bandas. Cremos que uma cronologia do século IV, talvez mesmo da 2.^a metade, é viável, atendendo à ausência de cerâmica ática, ao tipo anfórico representado, B1 de Mañá (que corresponde ao B/C de Pellicer) e ao facto de a grande maioria das formas de cerâmica pintada em bandas se prolongar até ao século I a.C.

As escavações em Monte Molião (Estrela, 1999) não revelaram níveis conservados da Idade do Ferro. Contudo, alguns fragmentos de cerâmica pintada em bandas foram recolhidos, ostentando um deles um motivo decorativo em espiral, característico da segunda metade de I milénio a.C. Em prospecções da década de 80 do século passado, pode uma de nós (A.M.A.) recolher um bordo de uma ânfora Mañá-Pascual A4 (Fig. 11, n.º 58) e ainda três fragmentos de vasos de “tipo Kuass” (Forma II e IX de Niveau). Tudo indica portanto que a ocupação deste sítio não poderá, também, recuar para trás de meados do século IV a.C.

Um outro sítio sidérico do Barlavento algarvio é o Cerro da Rocha Branca. Neste caso, a questão cronológica torna-se mais complexa. Se parece evidente que a datação proposta do século VIII a.C. (Gomes, 1993) não tem quaisquer bases sustentáveis, como foi já demonstrado (Arruda, 1999-2000, 2000, no prelo; Torres Ortiz, 2001, p. 59), a verdade é que parece ainda assim que o início da ocupação poderá ter-se iniciado antes de Monte Molião, Vila Velha de Alvor ou mesmo de Faro. A existência de alguns fragmentos de cerâmica de engobe vermelho e de cerâmica cinzenta poderá com efeito permitir sustentar uma cronologia da primeira metade do I milénio a.C., ainda que sempre do seu final. Estas duas categorias cerâmicas podem ainda estar presentes em contextos do século V a.C., como ficou demonstrado em Castro Marim, e a ausência de *pithoi*, de urnas Cruz del Negro e de formas arcaicas de engobe vermelho não pode ser ignorada. O que não parece levantar dúvidas é a importância da ocupação do sítio durante os séculos IV e III a.C., importância atestada pelo conjunto de materiais publicado (Gomes, 1993) e afim do de Faro.

Por outro lado, as escavações no Castelo de Castro Marim evidenciaram profundas alterações estruturais nos finais do século V a.C., alterações que passaram por um corte radical no plano urbanístico (Arruda et al., no prelo b), e por um outro quadro tipológico ao nível do espólio.

Do trabalho recentemente apresentado em Puerto de Santa María e disponível *on-line* (Maia, 2004) julgamos poder deduzir que também na viragem da 1.^a para a 2.^a metade do I milénio a.C., e sobretudo durante o século IV a.C., Tavira apresenta uma imensa vitalidade.

Assim, parece possível defender que grande parte do Algarve, concretamente o Central e Ocidental, fica à margem das movimentações de fenícios para ocidente e que a integração deste território na *koiné* mediterrânea se verifica apenas a partir do século IV a.C., momento em que se assiste, em toda a Andaluzia e também nos territórios a ocidente do Guadiana, a uma fase de grande desenvolvimento económico em grande parte baseado na exploração dos recursos marinhos e que implicou a fundação de novos sítios.

NOTAS

- ¹ UNIARQ. Centro de Arqueologia
Faculdade de Letras
1600-214 Lisboa
a.m.arruda@fl.ul.pt
- ² Colaboradora da UNIARQ
- ³ Colaboradora da UNIARQ
- ⁴ Aos drs. Dália Paulo e Nuno Beja agradecemos a disponibilidade concedida, concretamente a cedência do espólio e do material gráfico do registo de campo, bem como todas as informações prestadas sobre a sequência estratigráfica observada durante a escavação.

BIBLIOGRAFIA

- ARANEGUI GASCÓ, C. (2001) - Lixus colonia fenicia y ciudad púnico-mauritana. Anotaciones sobre su ocupación medieval. *Saguntum* Extra 4, Valencia: Universidad.
- ARRUDA, A. M. (1997) - *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: Colibri.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000) - *Los fenicios en Portugal: fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Barcelona: Cuadernos de Estudios Mediterráneos.
- ARRUDA, A. M. (2000) - As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim, no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a.C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Ministerio de Cultura, II, p. 727-735.
- ARRUDA, A. M. (2001) - Importações púnicas no Algarve: cronologia e significado. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente (Actas do Colóquio Internacional)*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 69-98.
- ARRUDA, A. M. (no prelo) - Orientalizante e Pós-orientalizante no sudoeste peninsular: geografias e cronologias. In *Actas do Congreso de Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P.; PEREIRA, R. (no prelo a) - As importações de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à época romana. In *Actas do Simpósio Internacional de Homenagem a Françoise Mayet (Setúbal, Maio de 2004)*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V.; OLIVEIRA, C. (no prelo b) - Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim. In *Actas do III Colóquio del Internacional del Centro de Estudios Fenicios y Púnicos: las ciudades fenicio-punicas en el Mediterráneo Occidental (Adra, 2003)*. Almería: Universidad.
- ARTEAGA, O. (1985) - Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Mar (campana de 1982). Una aportación preliminar al estudio estratigráfico de las ánforas púnicas y romanas del yacimiento. *Noticiário Arqueológico Hispánico*. Madrid. 23, p. 195-233.
- AUBET, M. E.; CARMONA, P.; CURIE, E.; DELGADO, A.; FERNANDEZ, A.; PÁRRAGA, M. (1999) - *Cerro del Villar – 1. Asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalborce y su relación con el interland*. Sevilla: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.
- BARROS, P. (no prelo) - As cerâmicas áticas no circuito do estreito do extremo ocidente peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu do Rosário, Faro e Tavira. In *Actas del Congreso de Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- BELÉN DEAMOS, M.; FERNÁNDEZ MIRANDA, M. (1978) - La Tiñosa (Lepe, Huelva). *Huelva Arqueológica*. Huelva. 4, p. 197-289.
- BELÉN DEAMOS, M.; ESCACENA, J. L. (1990) - Niebla (Huelva). Excavaciones junto a la Puerta de Sevilla (1978-1982). La Cata 8. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 12, p. 169-305.
- BELÉN DEAMOS (no prelo) - Ánforas de los siglos VI-IV en Turdetania.
- BERNAL, D.; DÍAZ, J. J.; EXPÓSITO, J. A.; SÁEZ, A. M.; LORENZO, L.; SÁEZ, A. (2003) - *Arqueología y urbanismo. Avance de los hallazgos de época púnica y romana en las obras de la carretera de Camposoto (San Fernando, Cádiz)*. Cádiz: Universidad.
- BLÁZQUEZ, J. M.; LUZÓN, J. M.; CLAUSS, K. (1970) - Las cerâmicas del Cabezo de San Pedro. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 1.
- BLÁZQUEZ, J. M.; RUIZ MATA, D.; MARTÍN DE LA CRUZ, J. C.; REMESAL, J.; RAMÍREZ, J. L.; CLAUSS, K. (1979) - Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva): campaña de 1977 (*Excavaciones Arqueológicas en España*; 102), Madrid: Ministerio de Cultura.
- CARRETERO POBLETE, P. A. (2004) - *Las ánforas tipo “Tiñosa” y la explotación agrícola de la Campiña Gaditana entre los siglos V y III a.C.* Dissertação de doutoramento, apresentada à Faculdade de Geografia e História da Universidade Complutense de Madrid. Edição policopiada.
- DE FRUTOS, G.; CHIC, G.; BERRIATUA, N. (1988) - Las ánforas de la factoría prerromana de salazones de «Las Redes» (Puerto de Santa Maria, Cádiz). In *Actas del I.º Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Santiago de Compostela: Universidad, 1, p. 295-306.
- DE FRUTOS, G.; MUÑOZ, A. (1994) - Hornos púnicos de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 393-414.

- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1993/94) - Materiais provenientes de Chões de Alpompe (Santarém). *Conimbriga*. Coimbra. 32/33, p. 263-281.
- DIOGO, A. M. D. (1993) - Materiais da Idade do Ferro provenientes de Chões de Alpompe. *Estudos Orientais*. (Actas do Encontro "Os fenícios no território português). Lisboa. 4, p. 215-227.
- DIOGO, A. M. D. (2000) - Um conjunto de ânforas dos dragados da foz do rio Arade, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 81-116.
- ESTRELA, S. (1999) - Monte Molião, Lagos: intervenção de emergência (1998) e problemas da gestão do património em sítios arqueológicos classificados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 199-234.
- FREITAS, V.; OLIVEIRA, C. (no prelo) - A ocupação proto-histórica do Baixo Guadiana. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, Setembro de 2004)*.
- GAGO, M. H.; CLAVAIN, I.; MUÑOZ, A.; PERDIGONES, L.; DE FRUTOS, G. (2000) - El complejo industrial de salazones gaditano de Camposoto, San Fernando (Cádiz): estudio preliminar. *Habis*. Sevilla. 31, p. 37-61.
- GAMITO, T. (1994) - Polícia Judiciária. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 9, p. 115-117.
- GAMITO, T. J. (1997) - *Ipsos* (Vila Velha, Alvor). In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: Ministerio da Cultura, IPPAR, p. 257-263.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ánforas en la Bahía de Cádiz en la época romana (Siglos II a.C.- IV d.C.)*. Écija: Editorial Gráficas Sol.
- GOMES, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico de Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais* (Actas do Encontro "Os fenícios no território português). Lisboa. 4, p. 73-107.
- GONZÁLEZ, R. (1987a) - Cerro Naranja. Un asentamiento rural púnico en la campiña de Jerez. *Anuário Arqueológico de Andalucía 1985*. Sevilla. 3, p. 90-95.
- GONZÁLEZ, R. (1987b) - Notas sobre las excavaciones de urgencia realizadas en el yacimiento prerromano de "Cerro Naranja" (Finca de Los Garcíagos, Jerez de la Frontera). In *Cádiz en su Historia. VI Jornadas de Historia de Cádiz*. Cádiz: Universidad, p. 27-44.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, R.; RUIZ MATA, D. (1999) - Prehistoria e Historia Antigua de Jerez. In CARO, D. - *Historia de Jerez de la Frontera. Tomo I: De los orígenes a la época medieval*. Cádiz: Diputación, p. 15-188.
- GONZÁLEZ TORAYA, B.; TORRES QUIRÓS, J.; LAGÓSTENA BARRIOS, L.; PRIETO REINA, O. (2000) - Los inicios de la producción anfórica en la bahía gaditana en época republicana: la intervención de urgencia en la Avda. Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). In *Actas del Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae*. Écija: Editorial Gráficas Sol, 1, p. 175-186.
- LUZÓN NOGUÉ, J. M. (1973) - Excavaciones en Itálica. Estratigrafía en el Pajar del Artillo. *Excavaciones Arqueológicas en España*. Madrid: Ministerio de Cultura, 78.
- MAIA, M. (2004) - Tavira turdetana, porto do "Círculo do Estreito" nos finais do séc. V a.C.
<http://www.arqueotavira.com/Estudos/PescaTavira.pdf>
- MARZOLI, D. (2000) - Ânforas púnicas de Morro de Mezquetilla (Málaga). In *Actas del IV Congreso Internacional de estudios fenicios y púnicos*. Madrid: Ministerio de Cultura, 4, p. 1631-1644.
- MOLINA FAJARDO, F. (1984) - La factoría de salazones de El Majuelo. In *Almuñecar, Arqueología e Historia II*. Granada: Caja Provincial de Ahorros, p. 185-204.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, A. M.; RUIZ MATA, D. (2000) - El poblado de Las Cumbres (Castillo de Doña Blanca): Urbanismo y materiales del s. III a.C. In *Actas del IV Congreso Internacional de estudios fenicios y púnicos*. Madrid: Ministerio de Cultura, II, p. 893-903.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, A. M. (2001) - El espacio geopolítico gaditano en época púnica. Revisión y puesta al día del concepto de «Círculo del Estrecho». *Gerión*. Madrid. 19, p. 313-354.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, A. M. (2003) - *Cerámicas gaditanas "Tipo Kuass"*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- PAULO, D.; BEJA, N. (no prelo) - Sondagens arqueológicas no Museu de Faro: resultados, problemáticas e perspectivas. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, Setembro de 2004)*.
- PELLICER CATALÁN, M. (1978) - Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, p. 365-400.
- PELLICER CATALÁN, M. (1982) - Las cerámicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronología según el Cerro Macareno (Sevilla) In NIEMEYER, H. G., ed. - *Phonizier im Westen*. Mainz: Philipp von Zabern (Madrider Beiträge; 8), p. 371-402.
- PELLICER CATALÁN, M. (1983) - El Cerro Macareno. Madrid: Ministerio de Cultura (*Excavaciones Arqueológicas en España*; 124).
- PERDIGONES, L.; MUÑOZ, A.; PISANO, G. (1990) - La necrópolis fenicio-púnica de Cádiz, siglos VI-IV a.C. *Studia Punica*. Roma. 7, p. 1-90.
- PIMENTA, J. P. (2004) - As ânforas romanas do Castelo de S. Jorge (Lisboa). Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- PONSICH, M. (1967) - Kuass, port antique et carrefour des voies de la Tingitane. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. Tanger. 7, p. 369-405.
- PONSICH, M. (1968) - Alfarrerías de época fenicia y punico-mauritana en Kuass (Arcila, Marruecos). *Saguntum*. Valencia, 4.
- PONSICH, M. (1969) - Les céramiques d'imitation: la campanienne de Kuass. Région d'Arcila-Maroc. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 42, p. 56-80.

- RAMON, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- RODRÍGUEZ, I. (2001) - Las áreas artesanales: los alfares. In *Actas del II Congreso de Historia de Carmona*. Carmona: Junta de Andalucía, p. 311-320.
- RUIZ MATA, D.; PÉREZ, C. J. (1995) - *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. Puerto de Santa María: Ayuntamiento.
- RUIZ MATA, D.; CÓRDOBA, I. (1999) - Los hornos turdetanos del Cerro Macareno. Cortes H I e H II. In *Actas del XXIV Congreso Nacional de Arqueología (Cartagena, 1997)*. Murcia: Ministerio de Cultura, 3, p. 125-131.
- RUIZ MATA, D.; NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, A. M. (1999) - *La zona industrial de Las Cumbres y la cerámica del S. III a.C. (Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz))*. El Puerto de Santa María: Ayuntamiento. Biblioteca de Temas Portuenses, 5.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-81) - Escavações arqueológicas do Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 159-184.
- STIENSTRA, P. (1986) - Systematic macroscopic description of the texture and composition of ancient pottery - some basic methods. *Newsletter*. Leiden: Department of Pottery Technology, 4, p. 28 - 48.
- TORRES ORTIZ, M. (2001) - Los fenicios en el Sudoeste de la Península Ibérica. La colonización Fenicia de Occidente. Estado de la investigación en los inicios del siglo XXI. In *Actas de las XVI Jornadas de Arqueología fenicio-púnica*. Eivissa: Govern de les Illes Balears, p. 49-68.
- VIEGAS, C. (2003) - Les sigillées du sud de la Gaule à Castro Marim et Faro (Algarve, Portugal). In *SFECAG Actes du Congrès de Saint-Romain en Gal*, p. 641-646.
- VIEGAS, C. (no prelo a) - O forno romano da Manta Rota (Algarve). In *Actas do Simpósio Internacional de Homenagem a Françoise Mayet (Setúbal, Maio de 2004)*. Setúbal
- VIEGAS, C. (no prelo b) - A cidade de Ossoyoba: importações cerâmicas. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, Setembro de 2004)*.